

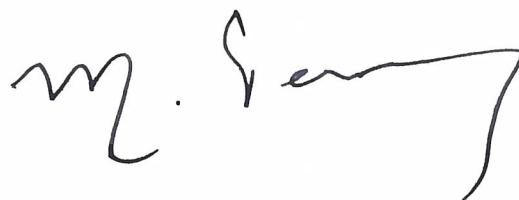
Mensagem nº 755

Senhores Membros do Senado Federal,

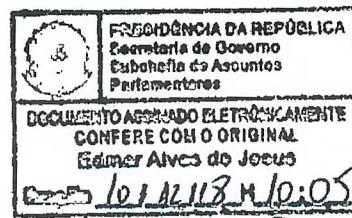
De conformidade com o art. 52, inciso IV, da Constituição, e com o art. 39, combinado com o art. 46 da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, submeto à apreciação de Vossas Excelências a escolha, que desejo fazer, do Senhor OLYNTHO VIEIRA, Ministro de Segunda Classe do Quadro Especial da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão e, cumulativamente, junto à República Islâmica do Afeganistão e à República do Tajiquistão.

Os méritos do Senhor Olyntho Vieira que me induziram a escolhê-lo para o desempenho dessa elevada função constam da anexa informação do Ministério das Relações Exteriores.

Brasília, 20 de dezembro de 2018.



00001.004752/2018-77.



EM nº 00339/2018 MRE

Brasília, 7 de Dezembro de 2018

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

De acordo com o artigo 84, inciso XXV, da Constituição Federal, e com o disposto no artigo 39, combinado com o artigo 46, da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, submeto à apreciação de Vossa Excelência o nome de **OLYNTHO VIEIRA**, ministro de segunda classe do Quadro Especial da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão e, cumulativamente, junto à República Islâmica do Afeganistão e à República do Tajiquistão.

2. Encaminho, anexos, informações sobre o país e *curriculum vitae* de **OLYNTHO VIEIRA** para inclusão em Mensagem a ser apresentada ao Senado Federal para exame por parte de seus ilustres membros.

Respeitosamente,

Assinado eletronicamente por: Aloysio Nunes Ferreira Filho

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

EM N° 339/DP/DSE/SGEX/AFEPA/G-MRE/APES

Brasília, 10 de dezembro de 2018.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

De acordo com o artigo 84, inciso XXV, da Constituição Federal, e com o disposto no artigo 39, combinado com o artigo 46, da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, submeto à apreciação de Vossa Excelência o nome de **OLYNTHO VIEIRA**, ministro de segunda classe do Quadro Especial da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão e, cumulativamente, junto à República Islâmica do Afeganistão e à República do Tajiquistão.

2. Encaminho, anexos, informações sobre o país e *curriculum vitae* de **OLYNTHO VIEIRA** para inclusão em Mensagem a ser apresentada ao Senado Federal para exame por parte de seus ilustres membros.

Respeitosamente,


ALOYSIO NUNES FERREIRA
Ministro de Estado das Relações Exteriores

INFORMAÇÃO

CURRICULUM VITAE

MINISTRO DE SEGUNDA CLASSE DO QUADRO ESPECIAL OLYNTHO VIEIRA

CPF: 967.889.768-72

ID: 8887 MRE

1954 Filho de Manoel Olyntho Vieira e Jandyra Hoehne Vieira, nasce em 17 de junho de 1954, em São Paulo, SP

Dados Acadêmicos:

- 1977 Engenharia Mecânica pela Faculdade de Engenharia Industrial da Fundação de Ciências Aplicadas, São Bernardo do Campo/SP
- 1984-85 CPCD - IRBr
- 1993 Curso de Aperfeiçoamento de Diplomatas - IRBr
- 2005 Curso de Altos Estudos - IRBr. Aprovado com a tese intitulada "Proteção internacional de refugiados: o uso do reassentamento em terceiros países como solução durável e instrumento de compartilhamento de encargos (burden sharing). A experiência brasileira."

Cargos:

- 1985 Terceiro-secretário
- 1990 Segundo-secretário
- 1997 Primeiro-secretário, por merecimento
- 2003 Conselheiro, por merecimento
- 2009 Ministro de segunda classe, por merecimento

Funções:

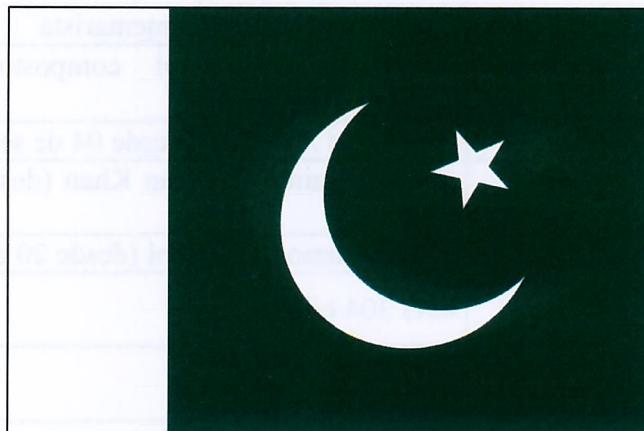
- 1986-88 Divisão de Pagamentos e Benefícios de Pessoal, assistente
- 1988-90 Subsecretaria de Administração e de Comunicações, assessor
- 1990 Presidência da República, Secretaria-Geral,adjunto
- 1991-95 Embaixada em Paris, segundo-secretário, chefe do Setor de Administração
- 1994-95 Embaixada em Montevidéu, segundo-secretário, Chefe do SECOM
- 1995-96 Divisão de Acompanhamento e Coordenação dos Postos no Exterior, chefe, substituto
- 1996-98 Coordenação-Geral de Modernização e Planejamento Administrativo, assistente
- 1998-00 Divisão do Pessoal, chefe, substituto
- 2000-04 Delegação Permanente em Genebra, primeiro-secretário e conselheiro, meio-ambiente e temas humanitários
- 2004-07 Embaixada no México, Conselheiro, chefe do Setor de Administração
- 2007-10 Coordenador-Geral de Cooperação em Agropecuária, Energia, Biocombustíveis e Meio-Ambiente da Agência Brasileira de Cooperação
- 2010-15 Representação Permanente junto à FAO, Ministro-Conselheiro e Representante Permanente Alterno
- 2011-15 Embaixada em Luanda
- 2015 Delegação Permanente junto à Organização da Aviação Civil Internacional, ministro-conselheiro e Representante Permanente Alterno

CLAUDIA KIMIKO ISHITANI CHRISTÓFOLO

DIRETORA, SUBSTITUTA, DO DEPARTAMENTO DO SERVIÇO EXTERIOR

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

REPÚBLICA ISLÂMICA DO PAQUISTÃO



INFORMAÇÃO OSTENSIVA
Novembro de 2018

DADOS BÁSICOS SOBRE A REPÚBLICA ISLÂMICA DO PAQUISTÃO	
NOME OFICIAL:	República Islâmica do Paquistão
GENTÍLICO:	paquistanês
CAPITAL:	Islamabade
ÁREA:	796 095 km ²
POPULAÇÃO:	204 milhões
LÍNGUA OFICIAL:	urdu e inglês
PRINCIPAIS RELIGIÕES:	Islamismo (96,2%, dos quais 85% sunitas, 12% xiitas e 3% outros ramos minoritários), hinduísmo (1,6%) e cristianismo (1,59%)
SISTEMA DE GOVERNO:	presidencialismo parlamentarista
PODER LEGISLATIVO:	Parlamento bicameral composto por Senado e Assembleia Nacional
CHEFE DE ESTADO:	presidente Arif Alvi (desde 04 de setembro de 2018)
CHEFE DE GOVERNO:	primeiro-ministro Imran Khan (desde 18 de agosto de 2018)
CHANCELER:	Shah Mahmood Qureshi (desde 20 de agosto de 2018)
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) NOMINAL (2017):	US\$ 304 bilhões
PIB – PARIDADE DE PODER DE COMPRA (PPP) (2017):	US\$ 1.056,39 bilhões
PIB PER CAPITA (2017):	US\$ 1.541
PIB PPP PER CAPITA (2017):	US\$ 5.354
VARIAÇÃO DO PIB :	4% (2014); 4,04% (2015); 4,51% (2016); 5,28% (2017)
ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - IDH (2016):	0,55 (147 ^a posição entre 188 países)
EXPECTATIVA DE VIDA (2016):	66,4 anos
ALFABETIZAÇÃO (2016):	58,7%
ÍNDICE DE DESEMPREGO (2016):	5,4% (PNUD)
UNIDADE MONETÁRIA:	rúpia paquistanesa
EMBAIXADOR EM ISLAMABADE:	Ministro Olyntho Vieira (<i>agrément</i> concedido em 21 de novembro de 2018)
EMBAIXADOR EM BRASÍLIA:	Embaixador Najm us Saqib (desde maio de 2017)
BRASILEIROS NO PAÍS:	Há registro de 46 brasileiros residentes no Paquistão

INTERCÂMBIO BILATERAL BRASIL- PAQUISTÃO (US\$ milhões - Fonte: MDIC)										
Brasil → Paquistão	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2018 (jan-ago)
Intercâmbio	74	50	301	198	239	257	233	369	660	423
Exportações	68	46	290	148	194	177	148	298	605	378
Importações	7	4	11	50	45	80	85	71	55	45
Saldo	61	41	279	98	149	98	62	227	551	333

APRESENTAÇÃO

O Paquistão, sexto país mais populoso do mundo, é banhado pelo Mar da Arábia, ao sul. O país é cortado, transversalmente, pelo Rio Indo, em cujas margens floresceu uma das primeiras civilizações da humanidade, a “civilização do Vale do Indo”.

O país e suas fronteiras estendem-se por 6774 km, tendo limites, a sudoeste, com o Irã (909 km), a noroeste e ao norte, com o Afeganistão (2430 km), a nordeste, com a China (523 km), e, a leste, com a Índia (2912 km), onde se encontra a disputada região da Caxemira.

A situação de tensão permanente com a Índia motivou o país a arregimentar o sexto maior exército do mundo e a tornar-se uma potência nuclear, a única entre países muçulmanos. As relações com o Afeganistão também ocupam papel central na política externa e interna paquistanesa. Atualmente, o Paquistão abriga 1,5 milhão de refugiados afegãos oficialmente registrados, além de outro 1,2 milhão de refugiados não regularizados, totalizando 2,7 milhões de deslocados pelo conflito no Afeganistão, segundo estimativas das Nações Unidas.

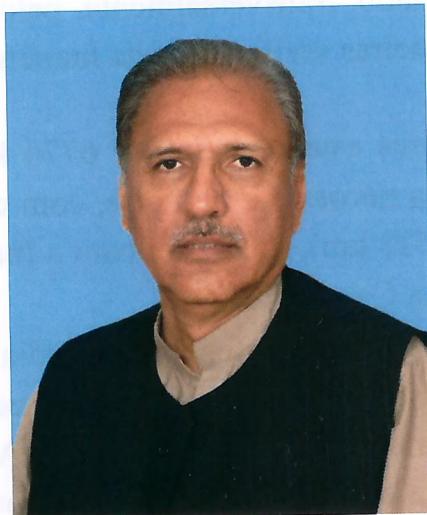
Desde 1956, o Paquistão é oficialmente uma República Islâmica. Mais de 96% de sua população é muçulmana, dos quais 85% são sunitas e 12%, xiitas, além de outros ramos minoritários do islamismo.

O Paquistão tem a sexta maior diáspora do mundo (7,6 milhões de pessoas) e, atualmente, mais de 20% de sua população vive abaixo da linha de pobreza. Apesar dos desafios na área de redução e erradicação da pobreza, o Paquistão faz parte do *Next Eleven* (N-11), grupo de países em desenvolvimento que, depois do BRICS, têm potencial de se tornarem as maiores economias do mundo.

PERFIS BIOGRÁFICOS

ARIF ALVI

Presidente



Nasceu em Karachi, em 1949. Formou-se em Odontologia pelo *Montmorency College of Dentistry*, de Lahore, e é mestre em Ciência Ortodôntica pela Universidade do Pacífico, de São Francisco (EUA). Foi destacado líder político estudantil.

Membro fundador do “Movimento Paquistanês para a Justiça” (PTI, de sua sigla em urdu), junto com Imran Khan, tornou-se, em 2006, secretário-geral do partido, e, em 2013, foi eleito membro da Assembleia Nacional.

Foi eleito presidente do Paquistão em 4 de setembro de 2018.

IMRAN KHAN
Primeiro-ministro



Nasceu em Lahore, em 1952. Estudou em escolas de elite no Paquistão e no Reino Unido, formando-se no *Keble College*, em Oxford (Reino Unido). Ingressou na seleção nacional paquistanesa de críquete aos 18 anos, tornando-se um dos mais notáveis jogadores do país, tendo levado seu time à conquista da Copa Mundial de Críquete, em 1992.

Em 1996, após encerrar sua carreira esportiva, fundou o partido “Movimento Paquistanês para a Justiça” (PTI, de sua sigla em urdu), sigla pela qual foi eleito, em 2002, para a Assembleia Nacional. Exerceu seu mandato até 2007, destacando-se como opositor ao governo. Foi novamente eleito para o cargo em 2013, quando seu partido obteve a segunda colocação nas eleições legislativas.

Em agosto de 2018, tornou-se primeiro-ministro do Paquistão.

SHAH MAHMOOD QURESHI
Ministro dos Assuntos Estrangeiros



Nasceu em Murree, em 1956. É formado em Direito e em História pelo “Corpus Christian College”, de Cambridge (Reino Unido). Iniciou sua carreira política em 1985, quando foi eleito ministro provincial do Punjab, cargo que ocuparia até 1993. Nesse ano, abandonou o Partido da Liga Muçulmana do Paquistão (PML), ingressando no Partido do Povo do Paquistão (PPP), partido pelo qual se elegeu membro da Assembleia Nacional, onde atuou até 1997.

Em 2000, assumiu a Prefeitura de Multan, e, em 2002, foi novamente eleito para a Assembleia Nacional, tendo sido novamente reeleito em 2008. Em 2011, abandonou o PPP e filiou ao PTI, partido pelo qual foi novamente eleito para a Assembleia Nacional em 2013 e em 2018. Já havia sido chanceler anteriormente, de 2008 a 2011, sob as presidências do general Musharraf e de Asif Zardari.

RELAÇÕES BILATERAIS

As relações entre o Brasil e o Paquistão são cordiais. Islamabade reconhece o Brasil por sua pujança econômica e o vê como nação amiga, além de considerá-lo um país prioritário na América Latina. As boas relações entre Brasil e Paquistão também se refletem no campo multilateral. Algumas das áreas de ação conjunta são a liberalização do comércio internacional (G-20 Comercial e Grupo de Cairns) e questões internacionais monetárias e de desenvolvimento (G-24).

O Brasil foi o primeiro país latino-americano a estabelecer relações diplomáticas com o Paquistão, em 1948, e instalar sua embaixada em Karachi, em 1952. No mesmo ano, o Paquistão instalou sua embaixada no Rio de Janeiro. Os contatos sempre se mantiveram constantes, sendo que, em 1984, o então ministro das relações exteriores, Ramiro Saraiva Guerreiro, visitou Lahore. Em 2004, as relações ganharam densidade quando da visita do ex-presidente Pervez Musharraf ao Brasil, seguida pela visita do então chanceler Celso Amorim ao Paquistão, em 2005.

Em março de 2015, realizou-se, em Brasília, a IV Reunião de Consultas Políticas Brasil-Paquistão. A V Reunião do mecanismo ocorreu em Islamabade, em março de 2017, ocasião em que foram passadas em revista as diversas vertentes da cooperação bilateral, com ênfase na cooperação política, relações econômicas e algumas áreas específicas, como energia, defesa e educação. Em dezembro de 2017, o secretário de Comércio do Paquistão reuniu-se com o secretário-geral das Relações Exteriores em Brasília.

No campo da cooperação técnica na área agrícola, têm-se registrado avanços. Em março de 2018, professor da Universidade Federal de Lavras (UFLA) visitou o Paquistão a convite da Comissão sobre Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável do Sul (COMSATS), tendo identificado potencial de intercâmbio tecnológico entre os países. Em agosto de 2018, foi assinado, em Brasília, o Acordo de Cooperação Técnica (ACT) entre Brasil e Paquistão.

A área da defesa é também relevante campo de cooperação. As Forças Armadas dos dois países têm realizado intercâmbio em cursos de formação de oficiais bem como participado, como observadores, de exercícios militares conjuntos. Em abril de 2015, o contra-almirante Waseen Akram, vice-comandante da Marinha do Paquistão, visitou o Brasil, por ocasião da 10ª edição

da Feira Internacional de Defesa e Segurança (LAAD). Em janeiro de 2018, a Embraer realizou visita de prospecção ao Paquistão, ocasião em que foi novamente manifestado o interesse das Forças Armadas paquistanesas na aquisição de aeronaves brasileiras. Em agosto de 2018, o chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, Almirante Ademir Sobrinho, visitou o Paquistão, tendo-se reunido com o então presidente Mamnoon Hussain e com altos líderes militares. Na ocasião, foram exploradas novas modalidades de cooperação e de intercâmbio de experiências. Encontra-se em avançada fase de negociação Memorando de Entendimento sobre Cooperação em Matéria de Defesa entre os Ministérios da Defesa do Brasil e do Paquistão.

Encontram-se em análise, pela parte paquistanesa, os seguintes instrumentos bilaterais: Acordo de Cooperação Jurídica em Matéria Penal; Acordo em matéria de extradição; Acordo sobre o cumprimento de sentenças penais no exterior; Acordo para autorização de trabalho remunerado por parte de dependentes de pessoal diplomático, administrativo e técnico; e Memorando de Entendimento entre academias diplomáticas.

Por seu turno, encontram-se em análise, pela parte brasileira: Acordo de cooperação jurídica em matéria civil; Memorando de Entendimento para a criação de uma comissão mista; e Memorando de Entendimento sobre a erradicação da fome e da pobreza.

POLÍTICA INTERNA

O Paquistão é uma república parlamentarista de inspiração islâmica. A Constituição atual está vigente desde 1985, quando foi suspenso o período de aplicação da Lei Marcial (1977-1985). O presidente é o chefe de Estado, eleito indiretamente por colégio eleitoral (composto dos membros da Assembleia Nacional, do Senado, e das quatro assembleias provinciais) para um mandato de cinco anos, tendo poderes simbólicos. O primeiro-ministro é o chefe de governo, sendo, habitualmente, o líder do partido com maioria na Assembleia Nacional, órgão responsável por elegê-lo.

O Legislativo é bicameral, composto pelo Senado (104 assentos, com mandatos de seis anos) e pela Assembleia Nacional (342 assentos, com mandatos de cinco anos). Cabe destacar que dos assentos da Assembleia Nacional, 272 são ocupados mediante eleições diretas e 70 são reservados para mulheres e minorias

religiosas, ocupados conforme representação proporcional dos partidos mais votados.

O Judiciário é composto pela Corte Suprema do Paquistão, Corte Federal da Xaria, tribunais superiores provinciais e tribunais distritais, além de tribunais especiais para assuntos específicos. Os juízes dos tribunais de competência nacional e provincial são indicados pela Comissão Judicial do Paquistão e pelo Comitê Parlamentar, enquanto os de competência distrital são indicados pelos respectivos tribunais superiores provinciais.

A primeira transição democrática do país ocorreu em 2013, quando a "Partido da Liga Muçulmana do Paquistão - Nawaz" (PML-N) venceu as eleições parlamentares. O resultado permitiu que Nawaz Sharif assumisse o cargo de primeiro-ministro pela terceira vez (já havia ocupado essa posição em 1991-1993 e em 1997-1999). Seu governo buscou promover o desenvolvimento econômico e social do Paquistão, bem como alcançar a estabilidade política do país, por meio do equilíbrio entre os grupos políticos e o estamento militar. Sharif renunciou ao cargo em julho de 2018, após ter sido condenado à prisão por crimes de corrupção.

Nas eleições ocorridas em 25 de julho, o “Movimento Paquistanês pela Justiça” (PTI), liderado pelo carismático ex-jogador de críquete Imran Khan, saiu-se vitorioso, logrando obter 116 assentos no Parlamento, contra 64 do PML-N e 43 do “Partido do Povo do Paquistão” (PPP), principal partido de oposição. Os demais assentos ficaram com partidos menores e candidatos independentes. Para ser eleito, o PTI, de menor porte, contou com o apoio de grupos ligados às forças armadas do Paquistão. O PTI não dispunha de maioria parlamentar absoluta, necessária para formação de novo governo, tendo estabelecido uma coalização que garantiu que Imran Khan se tornasse primeiro-ministro, cargo que assumiu em 18 de agosto.

Em 4 de setembro, Arif Alvi, membro da Assembleia Nacional pelo PTI, foi eleito Presidente do Paquistão. Sua vitória representou demonstração de respaldo ao recém-eleito Imran Khan, de quem Alvi é colaborador próximo.

POLÍTICA EXTERNA

No contexto do "Novo Grande Jogo" — alusão à antiga oposição entre Inglaterra e Rússia pelo domínio de regiões da Ásia Central e Meridional, e que, em sua versão atual, opõe número maior de potências globais e regionais —, o

Paquistão tem buscado reforçar parcerias extra-regionais a fim de consolidar sua posição internacional por meio da cooperação. O país tem-se empenhado em se aproximar de nações europeias, africanas e latino-americanas, muitas das quais têm identificado no Paquistão oportunidades comerciais e políticas. Imran Khan tem demonstrado ser um governante reconciliador, que busca desenvolver relações amistosas com seus vizinhos imediatos e com os parceiros mais distantes.

Subsiste, como pano de fundo para a inserção internacional do Paquistão, a questão de seu peculiar relacionamento com a Índia. A disputa territorial pela Caxemira, que levou a três das quatro guerras ocorridas entre os dois países e a uma corrida armamentista nuclear, é fator determinante da política externa paquistanesa. Apesar das dificuldades, o diálogo entre Paquistão e Índia mantém-se vivo desde 2010. Em discurso de vitória após as eleições, o primeiro-ministro Imran Khan adotou tom pacificador em relação à Índia, defendendo a promoção do comércio bilateral e a redução de tensões, inclusive no tocante à Caxemira. O ex-primeiro-ministro Nawaz Sharif havia buscado distensão das relações com a Índia, mas sofreu oposição das Forças Armadas.

Na atualidade, fortalece-se, junto a lideranças políticas, a percepção de que a melhoria da relação com a Índia seria fundamental para promover o desenvolvimento econômico do Paquistão. Tal percepção é reforçada pelo ministro das relações exteriores paquistanês, Shah Mahmood Qureshi, que, em seu primeiro discurso oficial, afirmou que o único caminho para que ambas as nações progridam é por meio de um diálogo contínuo e ininterrupto. Segundo Qureshi, Paquistão e Índia não são meros vizinhos, mas potências nucleares.

As relações com o Afeganistão, por seu turno, também trazem desafios para o Paquistão. A fronteira entre os dois países é porosa e serve tanto como rota de fuga de terroristas quanto como linha de abastecimento para grupos insurgentes. Tem-se observado esforço de aproximação e melhora das relações entre os países, no âmbito, por exemplo, do Plano de Ação Afeganistão-Paquistão para a Paz e Solidariedade (APAPPS, em inglês), ademais do intercâmbio de visitas de alto nível. O Paquistão entende que a estabilidade no país vizinho é importante para a paz, harmonia e conectividade de seu entorno geográfico.

O Paquistão tem-se aproximado do Irã, procurando aprofundar seus vínculos nas áreas e comércio e de segurança, especialmente no âmbito na complexa fronteira Irã-Paquistão. O Porto de Chabahar, localizado no sul do Irã, tem seu uso compartilhado com Índia e Afeganistão, o que constitui tema

delicado para as relações entre Teerã e Islamabade, uma vez que o uso das instalações de Chabahar por esses dois vizinhos permite o escoamento do intercâmbio comercial entre Afeganistão e Índia sem utilização do território paquistanês, o que prejudica o comércio internacional desse país.

O Paquistão também conta com laços tradicionais de cooperação com a Arábia Saudita, baseado no forte vínculo cultural e religioso entre os dois países sunitas. Ademais, a relação amigável com Riade é um dos pilares da política externa paquistanesa, pois a Arábia Saudita, além de abrigar grande número de cidadãos paquistaneses, mantém fluxo de comércio expressivo com o Paquistão, sendo, ademais, o país muçulmano que mais envia ajuda financeira ao Paquistão. A primeira viagem internacional de Imran Khan, após as eleições, foi para Riade, onde, segundo relatos de imprensa, teria sido celebrado acordo de financiamento ao Paquistão no valor de US\$ 6 bilhões.

Com a China, atualmente o principal parceiro estratégico do Paquistão, Islamabad mantém importantes relações nas áreas política, financeira, econômica e comercial. A China é fonte significativa de investimentos externos, destacadamente no âmbito do Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), conjunto de projetos de infraestrutura vinculados à "*Belt and Road Initiative*", a Nova Rota da Seda. O corredor, que conecta Kashgar, na região chinesa de Xinjiang, ao porto paquistanês de Gwadar, poderá consolidar o papel do Paquistão como importante "hub" comercial na Ásia Central. Além de reduzir distâncias e custos de transporte, o CPEC estabelecerá ligação entre China, África e Oriente Médio. O Ministro dos Negócios Estrangeiros da China, Wang Yi, visitou Islamabad no início de setembro, ocasião em que ambos os países declararam que suas relações não sofreriam alterações após a mudança de governo no Paquistão. Na ocasião, as duas partes decidiram aprofundar o esforço de integração no âmbito do CPEC, incluindo a possibilidade de expandir a rede de países vinculada ao projeto.

No que concerne aos Estados Unidos, a Casa Branca divulgou, em dezembro de 2017, o documento "*National Security Strategy of the United States of America*", no qual estabeleceu que a prioridade dos Estados Unidos para o Paquistão seria o incremento da pressão para que o país combatasse alegados grupos terroristas abrigados em seu território. Islamabad, por sua vez, afirmou que Washington teria ignorado os esforços das forças de segurança paquistanesas para reduzir a presença armada na fronteira Paquistão-Afeganistão. Segundo

analistas, os EUA parecem ter feito, em outubro de 2017, uma opção pró-Índia, em detrimento do Paquistão, visto como próximo da China.

As reações relativamente moderadas do governo paquistanês às críticas da administração Trump sugerem que Islamabade não tem interesse em acentuar o desgaste nas relações com os EUA, sobretudo em momento em que Washington e Nova Delhi estreitam suas relações. A assunção do primeiro-ministro Imran Khan, em agosto de 2018, sinalizou a possibilidade de distensão nas relações com os EUA. Apesar de seu costumeiro tom crítico com relação a Washington, Imran Khan, em seu discurso de vitória, declarou desejar uma relação "mutuamente benéfica" com os EUA. O Secretário de Estado norte-americano, Mike Pompeo, visitou Islamabade em 6 de setembro, ocasião que, segundo oficiais americanos, constituiria um "recomeço" das relações com o Paquistão. Em entrevista recente ao canal de TV Fox News, contudo, o presidente Donald Trump reiterou suas críticas ao Paquistão, que foram rebatidas publicamente pelo primeiro-ministro Imran Khan, contribuindo para novo acirramento de tensões nas relações entre o Paquistão e os EUA. Subsistem, entre os dois países, divergências significativas, em especial na questão do alegado abrigo dado a grupos terroristas que atuam no Afeganistão.

O Paquistão tem buscado, cada vez mais, participar de projetos de integração regional, como o CASA-1000 e o TAPI. O plano de cooperação energética CASA-1000 consiste na construção de uma linha de transmissão da energia elétrica produzida por Quirguistão e Tajiquistão — países com grande abundância de energia hidroelétrica, — a Paquistão e Afeganistão, que sofrem com grandes períodos de carência de energia. O projeto TAPI (Turcomenistão-Afeganistão-Paquistão-Índia), por seu turno, objetiva a construção de um gasoduto de cerca de 1840 km que ligará o Turcomenistão à Índia, passando pelo Afeganistão e o Paquistão. Sua conclusão está prevista para 2020.

ECONOMIA, COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

O Paquistão tem um dos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixos do mundo, estando na 147^a posição entre 188 países. Seus principais desafios são alta densidade populacional, deficiente produção de energia elétrica e problemas de infraestrutura. As taxas de crescimento econômico do país não têm sido suficientes, segundo estimativas, para absorver os jovens que entram no mercado de trabalho.

Desde 2001, quando as sanções econômicas impostas ao Paquistão em decorrência da realização de testes nucleares foram levantadas, o país registrou um período de alto crescimento, com taxa média de 7% ao ano entre 2003 e 2007, trajetória que foi interrompida pela crise global de 2008, mas retomada nos últimos anos. O país apresentou crescimento acima de 3% entre 2012 e 2015, chegando a 4,5% em 2016 e 5,2% em 2017, com estimativa de 5,5% para 2018. Devido a essa realidade, o Paquistão encontra-se entre os *Next Eleven* (N-11), grupo de países em desenvolvimento que têm potencial de ingressar no rol das maiores economias do mundo.

O déficit comercial externo tem grande impacto na economia paquistanesa. O ano fiscal 2017/2018 deverá registrar déficit estimado da ordem de US\$ 36 bilhões, superando o recorde histórico do ano fiscal 2016/2017, quando fora de US\$ 32,4 bilhões (10,6% do PIB de 2017, de cerca de US\$ 305 bilhões). A China é o maior exportador líquido para o Paquistão, sendo responsável por 28% das importações paquistanesas. Já em relação às exportações, os maiores compradores do Paquistão são os EUA (16,5%), o Reino Unido (7,5%) e a China (7,5%).

Juntamente com o grave déficit comercial, o Paquistão enfrenta um profundo déficit fiscal. No ano fiscal 2017/18, a estimativa é de que o déficit tenha ficado entre 5,8% e 6,1% do PIB, aproximadamente US\$ 18 bilhões, muito acima dos 4,1% estimados no início do exercício. Rubrica que drena fortemente recursos do orçamento é a dedicada a gastos militares e de defesa. No orçamento aprovado em abril último, foram alocados 23%, ou US\$ 10,2 bilhões, para tais gastos.

Os investimentos estrangeiros diretos são ainda considerados insatisfatórios, totalizando US\$ 25 bilhões nos últimos dez anos (excetuando recursos chineses sob o projeto do Corredor Econômico China-Paquistão - CPEC, da ordem de outros US\$ 25 bilhões desde 2013, dos quais US\$ 5 bilhões no último ano). O Paquistão é um dos países que mais recebe recursos chineses; como contrapartida, aumentaram significativamente as importações daquele país (28% das importações paquistanesas provêm da China), contribuindo para deterioração das reservas internacionais do Paquistão (que caíram de US\$ 20 bilhões para US\$ 10 bilhões em 2017/2018, dos quais US\$ 5 bilhões em ‘swaps’, incluindo de bancos chineses).

A insegurança provocada por atentados terroristas é obstáculo que tem afastado investimentos estrangeiros no país. Excetuando os recursos procedentes da China, em razão do projeto do Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), no âmbito da Belt and Road Initiative, estima-se que o total de investimentos externos que o país recebeu nos últimos dez anos foi de US\$ 25 bilhões, montante próximo ao déficit de um ano da balança comercial.

Além da privatização de empresas públicas deficitárias, o atual governo pretende criar um sistema profissional de gerenciamento das empresas públicas que permanecerem sob o controle governamental, diminuindo a influência política sobre as decisões empresariais. Durante sua campanha, Imran Khan estabeleceu metas econômicas ousadas, como a criação de 10 milhões de empregos e a construção de 5 milhões de casas populares. Estabeleceu, ainda, o objetivo de aumentar significativamente a arrecadação de impostos, com o combate à corrupção e à evasão fiscal.

Apesar dos incentivos na área automobilística e dos esforços de atração de investimentos estrangeiros, o Paquistão enfrenta um processo precoce de desindustrialização: a participação da indústria no PIB está em queda constante desde 2012. Atualmente, a participação da indústria no PIB está abaixo de 18%, contra 21,3%, em 2012. A agricultura responde por 23% e o setor de serviços, por 59% do PIB.

No contexto da crise de pagamentos pela qual passa o Paquistão, a Arábia Saudita ofereceu pacote de ajuda econômica da ordem de US\$ 6 bilhões, montante que, apesar de elevado, não é suficiente para saldar as contas públicas paquistanesas. Não é a primeira vez que o Reino Saudita vem em socorro do Paquistão no âmbito de sua crise de pagamentos, pois, em 2014, Riade forneceu USD 1,5 bilhão para fortalecer as reservas cambiais do Paquistão.

Imran Khan procurou, também, recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Cabe registrar que o país, desde 1980, já recorreu 12 vezes ao Fundo, sendo a mais recente em 2013, quando obteve recursos da ordem de US\$ 6 bilhões. Nas presentes negociações, algumas exigências do FMI não puderam ser aceitas por Islamabad, o que tem dificultado as tratativas.

Em meio a esse cenário, teve considerável impacto a recente decisão do presidente Donald Trump de suspender a transferência de US\$ 1,66 bilhões ao Paquistão. Esse valor corresponderia a auxílio a título de assistência para promoção da segurança e combate ao terrorismo, montante que, desde a administração Obama, os Estados Unidos têm oferecido anualmente ao Paquistão.

O intercâmbio comercial com o Brasil, em 2017, foi de US\$ 660 milhões, com superávit de aproximadamente US\$ 551 milhões para o Brasil. Os principais produtos exportados foram soja, algodão e óleo de soja, e os itens que lideram as importações brasileiras do Paquistão são instrumentos e aparelhos médicos, odontológicos e veterinários, tecidos de algodão e artigos e equipamentos de atividade física.

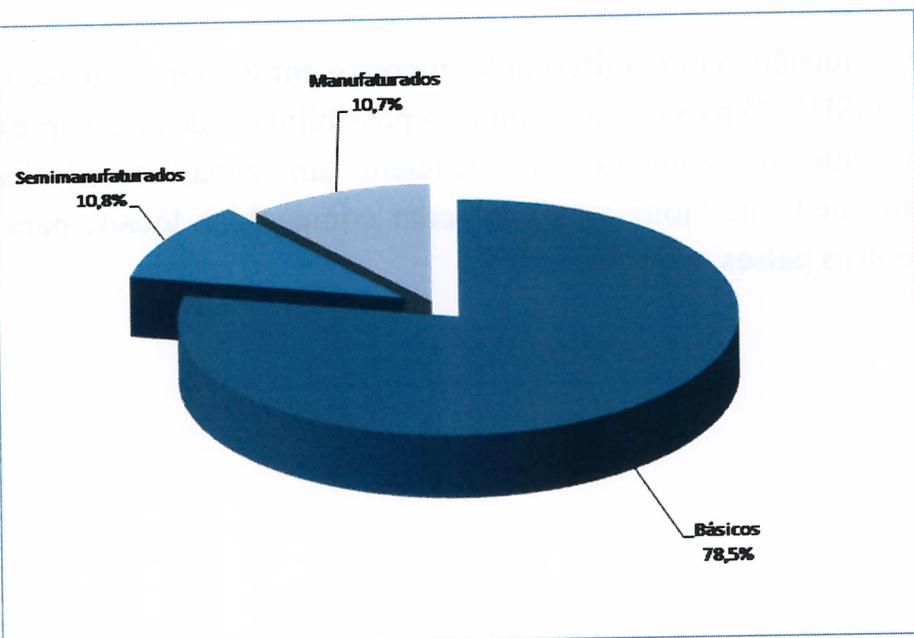
No mês de junho de 2018, foi lançado o Fórum Empresarial Paquistão-Brasil, primeira instância aglutinadora do empresariado paquistanês em torno do Brasil, por meio da assinatura de Memorando de Entendimento entre a Embaixada do Brasil em Islamabad e a Federação das Câmaras de Comércio e Indústria do Paquistão.

O Paquistão vem manifestando interesse em iniciar negociações comerciais com o MERCOSUL. O país sinaliza, ainda, a possibilidade de que empresas brasileiras de processamento de alimentos se instalem em zonas econômicas especiais, possivelmente mediante "joint-ventures" com companhias locais, para reexportar a produção a outros países asiáticos.

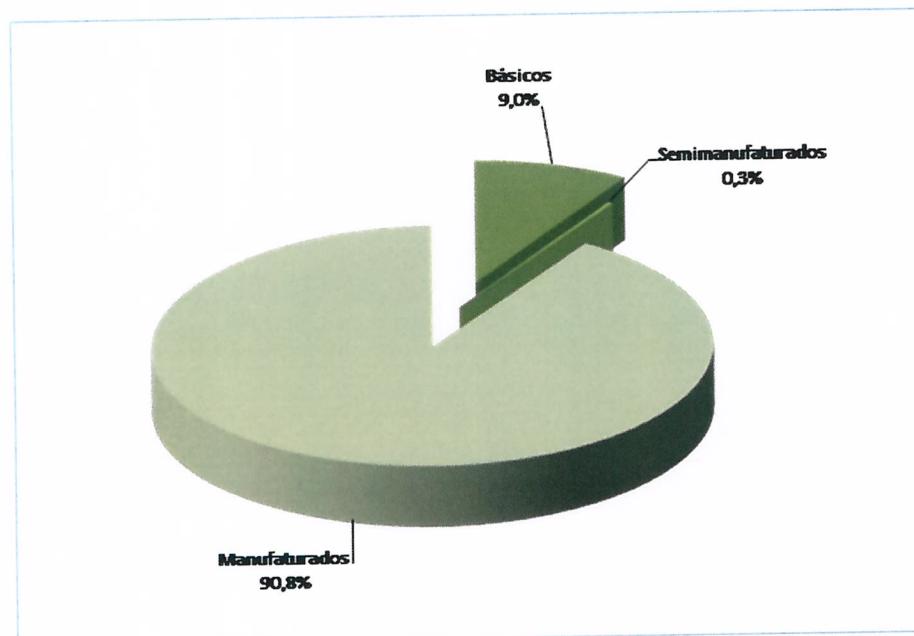
DADOS ECONÔMICOS E COMERCIAIS

Exportações e importações brasileiras por fator agregado 2017

Exportações



Importações



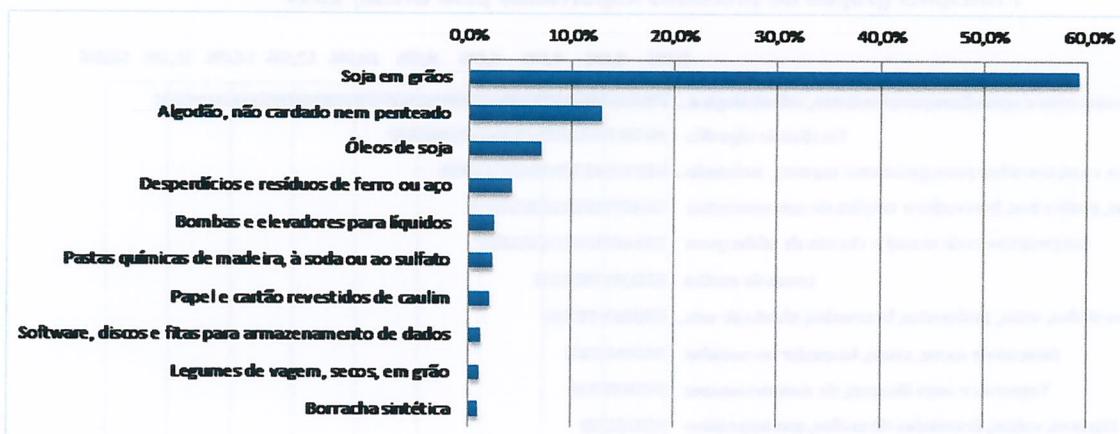
Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX, Fevereiro de 2018.

Composição das exportações brasileiras para o Paquistão (SH4)
US\$ milhões

Grupos de produtos	2015		2016		2017	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Soja em grãos	49	16,3%	183	42,3%	358	59,2%
Algodão, não cardado nem penteado	81	27,1%	105	24,2%	78	12,9%
Óleos de soja	54	18,3%	10	2,4%	43	7,1%
Desperdícios e resíduos de ferro ou aço	23	7,6%	22	5,0%	26	4,3%
Bombas e elevadores para líquidos	11	3,6%	8	1,8%	15	2,5%
Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato	13	4,5%	11	2,6%	14	2,4%
Papel e cartão revestidos de caulim	3	1,0%	6	1,5%	12	2,0%
Software, discos e fitas para armazenamento de dados	4	1,4%	8	1,9%	7	1,2%
Legumes de vagem, secos, em grão	8	2,6%	3	0,6%	6	1,1%
Borracha sintética	2	0,6%	3	0,6%	5	0,9%
Subtotal	247	82,9%	359	82,9%	566	93,5%
Outros	51	17,1%	74	17,1%	39	6,5%
Total	298	100,0%	433	100,0%	605	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Fevereiro de 2018.

Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil, 2017

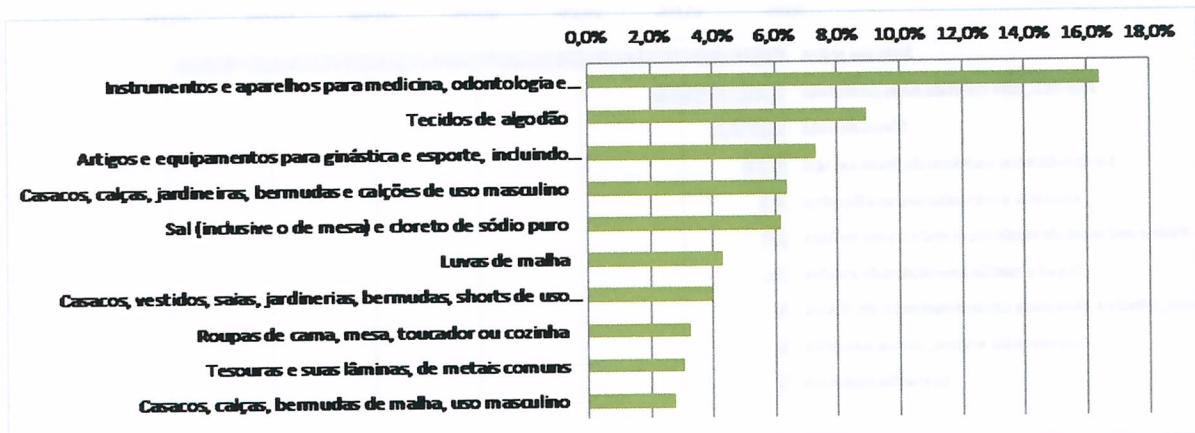


Composição das importações brasileiras originárias do Paquistão (SH4)
US\$ milhões

Grupos de produtos	2015		2016		2017	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Instrumentos e aparelhos para medicina, odontologia e veterinária	7,1	10,0%	6,5	14,4%	9,0	16,4%
Tecidos de algodão	4,8	6,7%	1,2	2,6%	4,9	8,9%
Artigos e equipamentos para ginástica e esporte, incluindo piscinas	5,4	7,6%	3,1	6,8%	4,0	7,3%
Casacos, calças, jardineiras, bermudas e calções de uso masculino	3,5	5,0%	2,8	6,3%	3,5	6,4%
Sal (inclusive o de mesa) e cloreto de sódio puro	0,4	0,6%	1,7	3,8%	3,4	6,2%
Luvas de malha	1,8	2,6%	1,8	4,1%	2,3	4,3%
Casacos, vestidos, saias, jardinerias, bermudas, shorts de uso feminino	3,1	4,3%	2,8	6,3%	2,2	4,0%
Roupas de cama, mesa, toucador ou cozinha	7,9	11,2%	4,4	9,7%	1,8	3,3%
Tesouras e suas lâminas, de metais comuns	1,6	2,3%	1,3	2,9%	1,7	3,1%
Casacos, calças, bermudas de malha, uso masculino	0,5	0,7%	0,9	2,0%	1,5	2,8%
Subtotal	36,2	51,1%	26,5	58,9%	34,2	62,6%
Outros	34,7	48,9%	18,5	41,1%	20,4	37,4%
Total	70,8	100,0%	45,1	100,0%	54,6	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Fevereiro de 2018.

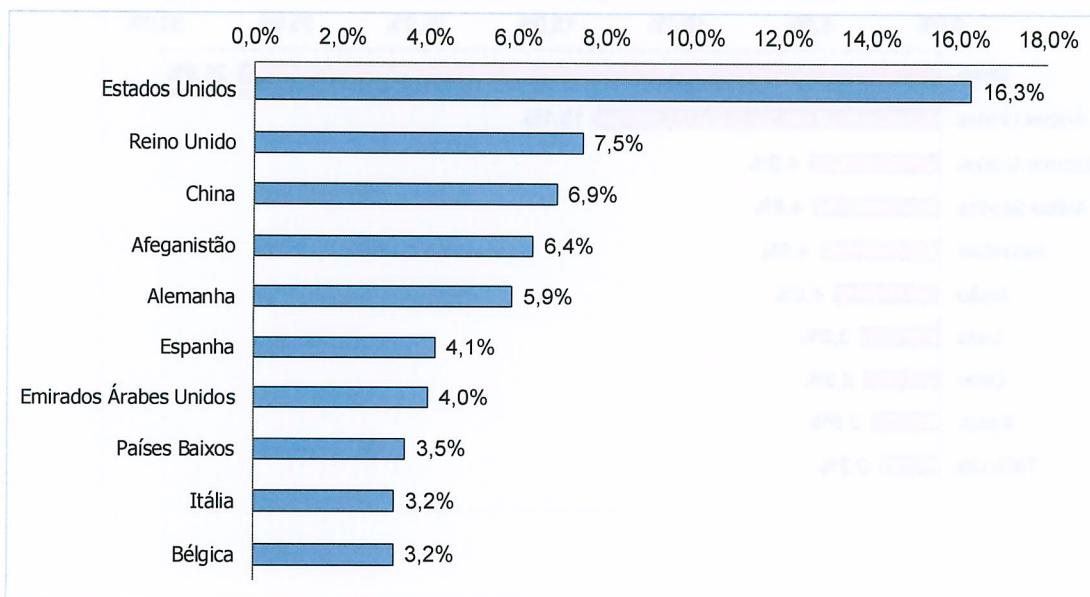
Principais grupos de produtos importados pelo Brasil, 2017



Principais destinos das exportações do Paquistão
US\$ bilhões

Países	2 0 1 7	Part.% no total
Estados Unidos	3,56	16,3%
Reino Unido	1,64	7,5%
China	1,51	6,9%
Afeganistão	1,39	6,4%
Alemanha	1,29	5,9%
Espanha	0,90	4,1%
Emirados Árabes Unidos	0,87	4,0%
Países Baixos	0,76	3,5%
Itália	0,70	3,2%
Bélgica	0,70	3,2%
...		
Brasil (53º lugar)	0,05	0,2%
Subtotal	13,36	61,1%
Outros países	8,52	38,9%
Total	21,88	100,0%

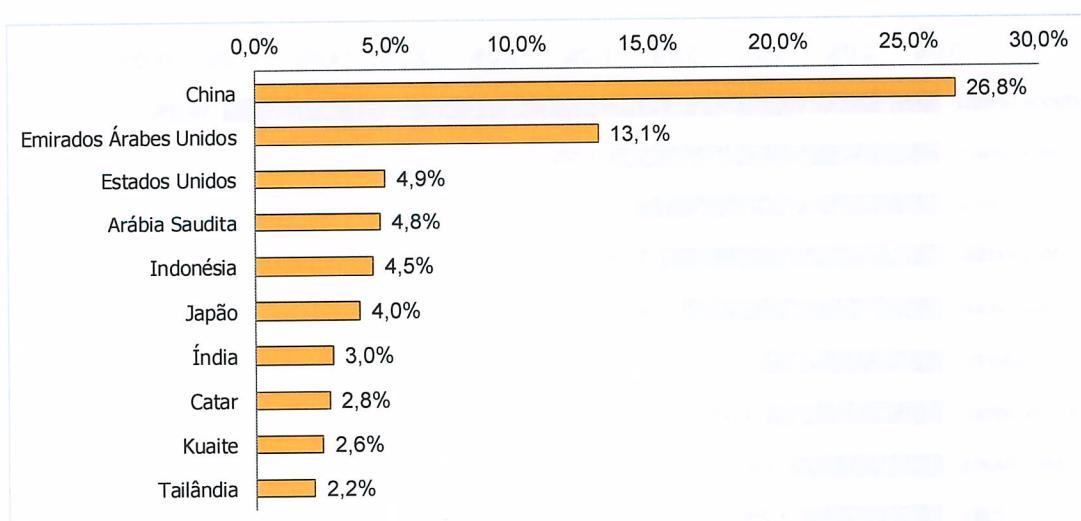
Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, August 2018.



Principais origens das importações do Paquistão
US\$ bilhões

Países	2017	Part.% no total
China	15,38	26,8%
Emirados Árabes Unidos	7,52	13,1%
Estados Unidos	2,84	4,9%
Arábia Saudita	2,73	4,8%
Indonésia	2,58	4,5%
Japão	2,29	4,0%
Índia	1,70	3,0%
Catar	1,61	2,8%
Kuait	1,47	2,6%
Tailândia	1,28	2,2%
...		
Brasil (22º lugar)	0,61	1,1%
Subtotal	40,02	69,7%
Outros países	17,42	30,3%
Total	57,44	100,0%

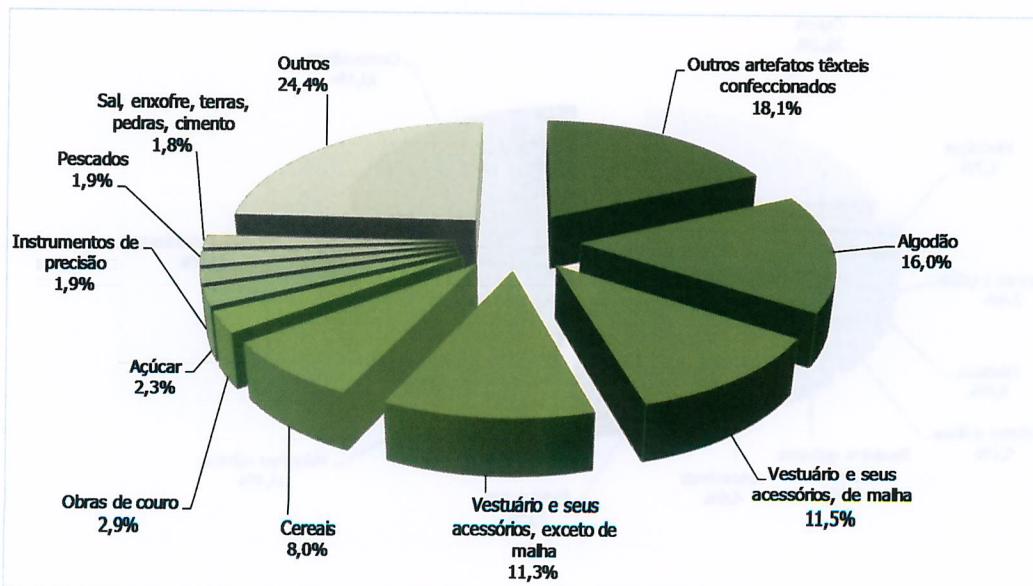
Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, August 2018.



Composição das exportações do Paquistão
US\$ bilhões

Grupos de Produtos (SH2)	2 0 1 7	Part.% no total
Outros artefatos têxteis confeccionados	3,96	18,1%
Algodão	3,50	16,0%
Vestuário e seus acessórios, de malha	2,52	11,5%
Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	2,47	11,3%
Cereais	1,75	8,0%
Obras de couro	0,63	2,9%
Açúcar	0,51	2,3%
Instrumentos de precisão	0,41	1,9%
Pescados	0,41	1,9%
Sal, enxofre, terras, pedras, cimento	0,39	1,8%
Subtotal	16,53	75,6%
Outros	5,34	24,4%
Total	21,88	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, August 2018.

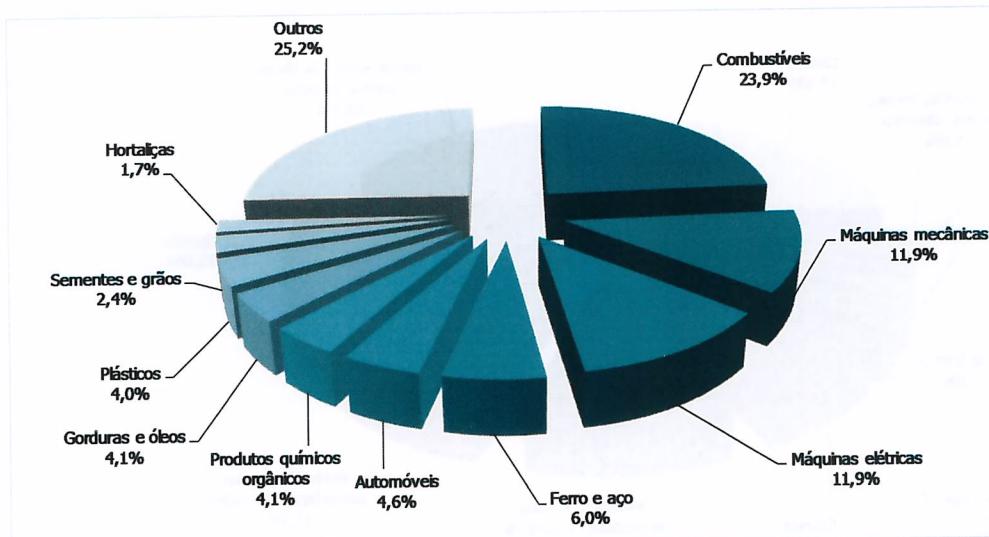


Composição das importações do Paquistão
US\$ bilhões

Grupos de produtos (SH2)	2 0 1 7	Part.% no total
Combustíveis	13,71	23,9%
Máquinas mecânicas	6,86	11,9%
Máquinas elétricas	6,86	11,9%
Ferro e aço	3,42	6,0%
Automóveis	2,67	4,6%
Produtos químicos orgânicos	2,37	4,1%
Gorduras e óleos	2,37	4,1%
Plásticos	2,30	4,0%
Sementes e grãos	1,40	2,4%
Hortaliças	0,98	1,7%
Subtotal	42,94	74,8%
Outros	14,50	25,2%
Total	57,44	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Tademap, August 2018.

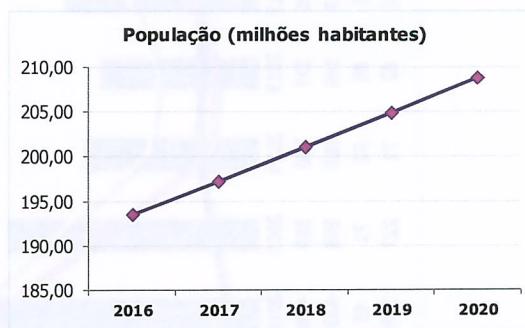
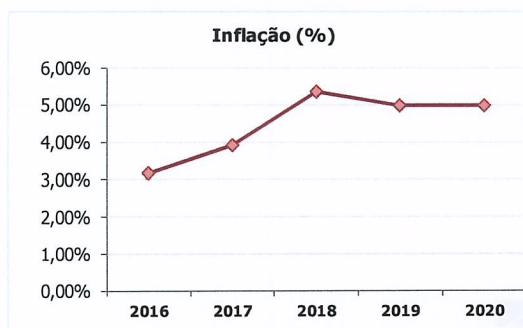
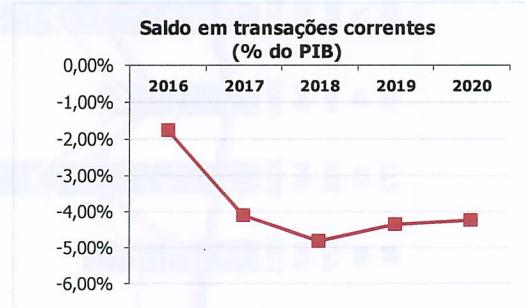
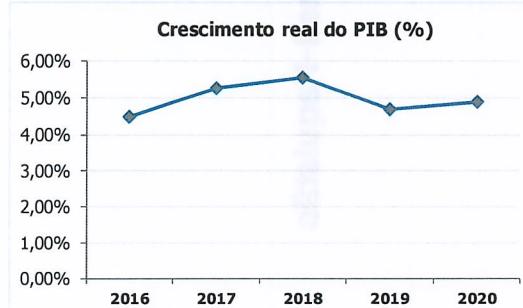
10 principais grupos de produtos importados



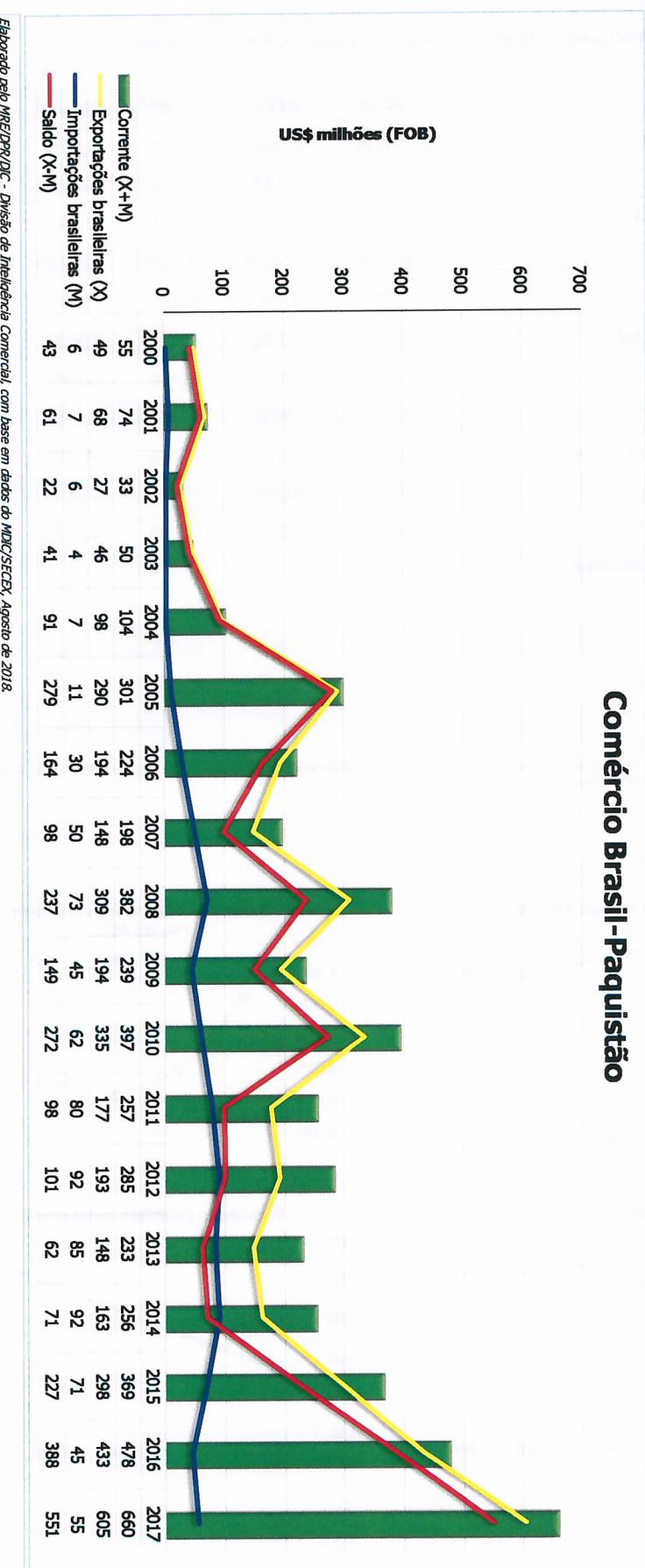
Principais indicadores socioeconômicos do Paquistão

Indicador	2016	2017	2018⁽¹⁾	2019⁽¹⁾	2020⁽¹⁾
Crescimento real do PIB (%)	4,51%	5,28%	5,57%	4,70%	4,90%
PIB nominal (US\$ bilhões)	278,91	303,93	326,20	353,40	n.d.
PIB nominal "per capita" (US\$)	1.441	1.541	1.622	1.723	n.d.
PIB PPP (US\$ bilhões)	986,26	1.056,99	1.141,21	1.220,76	1.305,75
PIB PPP "per capita" (US\$)	5.095	5.358	5.677	5.959	6.254
População (milhões habitantes)	193,56	197,26	201,03	204,87	208,79
Desemprego (%)	5,96%	6,02%	6,08%	6,14%	6,20%
Inflação (%) ⁽²⁾	3,19%	3,93%	5,38%	5,00%	5,00%
Saldo em transações correntes (% do PIB)	-1,75%	-4,09%	-4,79%	-4,36%	-4,25%
Dívida externa (US\$ bilhões)	72,70	82,19	98,49	101,48	107,80
Câmbio (PRs / US\$) ⁽²⁾	104,81	110,43	129,08	128,56	126,40
Origem do PIB (2017 Estimativa)					
Agricultura			24,7%		
Indústria			19,1%		
Serviços			56,3%		

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base nos dados do IMF - World Economic Outlook Database, April 2018, da EIU, Economist Intelligence Unit, Country Report August 2018 e da Cia.gov/World Factbook.
 (n.d.) Dado não disponível.
 (1) Estimativas FMI e EIU.
 (2) Média de fim de período.



Comércio Brasil-Paquistão



CRONOLOGIA HISTÓRICA

2500 a.C.	Florescimento da civilização do Vale do Indo.
510 a.C.	O império Persa (Aquemênida) domina a região do Vale do Indo.
327 a.C.	Alexandre o Grande inicia campanha no subcontinente indiano.
305 a.C.	O imperador indiano Chandragupta Mauria estabelece controle sobre a região.
185 a.C.	O Vale do Indo é conquistado por reinos indo-gregos (bácrias).
Séc. II a.C.	Os sacas, provenientes da Ásia Central, chegam à Ásia Meridional.
~20 b.C.	Os partas conquistam o norte do subcontinente indiano
Sécs. I-III	O império Kushan estabelece domínio do norte do subcontinente indiano.
Séc. III	O império Persa (Sassânida) volta a estabelecer presença no Vale do Indo e, ao longo dos próximos dois séculos, alterna o controle da região com os heftalitas (“hunos brancos”) e guptas.
Séc. VII	Início da expansão muçulmana na região, por meio de expedições ao Sindh.
771	A região de Sindh é conquistada por Mohammad ibn Qasim.
Séc. XI	Os muçulmanos chegam ao norte do subcontinente indiano.
1221	Genghis Khan invade o Punjab.
1398	Tamerlão conquista Lahore.
1526	O império Mogol (<i>mughal</i>) unifica o controle de quase todo o subcontinente indiano.
1801	O Império Sikh domina a região do Punjab.
1849	Depois de duas guerras anglo-sikhs, o Punjab é anexado ao império Britânico.
1857	Os britânicos desmantelam oficialmente o domínio mogol sobre o continente indiano e formalmente anexam toda a região a seu império.
1906	Criação da Liga Muçulmana, movimento político que visava a preservar os interesses da comunidade islâmica na região.
1913	Mohammed Ali Jinnah, futuro “pai da República paquistanesa”, ingressa na Liga Muçulmana.
1940	A Declaração de Lahore, arquitetada por Jinnah, reivindica a criação de um estado muçulmano no subcontinente indiano.
1947	Independência do Paquistão.
1948	Primeira Guerra Indo-Paquistanesa.

1956	Aprovação da primeira constituição da República Islâmica do Paquistão.
1965	Segunda guerra Indo-Paquistanesa.
1971	O Paquistão Oriental busca a secessão e recebe o apoio da Índia na Guerra de Independência de Bangladesh, levando à Terceira Guerra Indo-Paquistanesa.
1972	Zulfiqar Ali Bhutto é eleito presidente. Adota-se nova constituição.
1977	General Muhammad Zia ul-Haq derruba Bhutto e declara lei marcial.
1979	As Ordenanças de Hudood, inspiradas na Xaria, são proclamadas.
1988	Benazir Bhutto é eleita primeira-ministra.
1990	Nawaz Sharif é eleito primeiro-ministro.
1993	Benazir Bhutto retorna ao cargo de primeira-ministra.
1997	Nawaz Sharif retorna ao cargo de primeiro-ministro
1998	O Paquistão realiza testes nucleares.
1999	O General Pervez Musharraf assume o poder.
2007	Em dezembro, Benazir Bhutto é assassinada, após comício no Punjab.
2008	Eleições presidenciais são organizadas após o pedido de demissão de Pervez Musharraf; Asif Ali Zardari assume a Presidência do Paquistão.
2011	Osama bin Laden é morto no distrito paquistanês de Abbottabad.
2013	Nawaz Sharif é eleito novamente primeiro-ministro.
2018	Imran Khan é eleito primeiro-ministro.

CRONOLOGIA DAS RELAÇÕES BILATERAIS

1948	Estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e Paquistão.
1952	Abertura da Embaixada do Brasil em Karachi e do Paquistão no Rio de Janeiro.
1984	Visita do então ministro das Relações Exteriores Saraiva Guerreiro a Lahore.
1992	Visita ao Rio de Janeiro do então primeiro-ministro Nawaz Sharif, por ocasião da Rio-92.
2004	Visita ao Brasil do então presidente Pervez Musharraf.
2005	Visita ao Paquistão do então ministro das Relações Exteriores Celso Amorim.
2007	Visita ao Brasil de delegação parlamentar paquistanesa.

2015	IV Reunião de Consultas Políticas, em Brasília.
2017	V Reunião de Consultas Políticas, em Islamabad.
2017	Visita ao Brasil do secretário de Comércio do Paquistão.

ACORDOS BILATERAIS

Título	Data de Celebração	Entrada em Vigor	Publicação
Acordo Cultural entre o Governo dos Estados Unidos do Brasil e o Governo da República Islâmica do Paquistão	08/02/1968	26/09/1970	06/10/1970
Acordo Comercial entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Islâmica do Paquistão	18/11/1982	05/01/1988	14/11/1988
Acordo de Cooperação Científica e Tecnológica entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Islâmica do Paquistão	01/10/1988	17/08/1990	09/04/1991
Acordo de Cooperação sobre Cooperação no Combate à Produção, Consumo e Tráfico Ilícito de Drogas e Substâncias Psicotrópicas	29/11/2004	30/07/2010	25/02/2015
Acordo de Cooperação Técnica entre a República Federativa do Brasil e a República Islâmica do Paquistão	06/08/2018		Em tramitação no MRE

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

REPÚBLICA ISLÂMICA DO AFEGANISTÃO





INFORMAÇÃO OSTENSIVA

Novembro de 2018

DADOS BÁSICOS SOBRE A REPÚBLICA DO AFEGANISTÃO	
NOME OFICIAL:	República Islâmica do Afeganistão
GENTÍLICO:	Afegão
CAPITAL:	Cabul
ÁREA:	652.230 km ²
POPULAÇÃO:	36,704 milhões
LÍNGUA OFICIAL:	Dari e pachto
PRINCIPAIS RELIGIÕES:	Islamismo (99,7%)
SISTEMA DE GOVERNO:	Presidencialismo

PODER LEGISLATIVO:	Parlamento bicameral composto pela Câmara do Povo e pela Câmara dos Anciões
CHEFE DE ESTADO:	Ashraf Ghani (desde 2014)
CHEFE DO EXECUTIVO:	Abdullah Abdullah (desde 2014)
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) NOMINAL (2017):	US\$ 20,815 bilhões
PIB – PARIDADE DE PODER DE COMPRA (PPP) (2017):	US\$ 70,368 bilhões
PIB PER CAPITA (2017)	US\$ 69,55 bilhões
PIB PPP PER CAPITA (2017):	US\$ 2.000
VARIAÇÃO DO PIB:	2,69% (2014); 1,31% (2015); 2,37% (2016); 3,7% (2017)
ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - IDH (2016):	0,498 (168 ^a posição entre 189 países)
EXPECTATIVA DE VIDA (2016):	64 anos
ALFABETIZAÇÃO (2016):	38,2%
ÍNDICE DE DESEMPREGO (2017):	23,9%
UNIDADE MONETÁRIA:	Afegane
EMBAIXADOR EM CABUL:	Ministro Olyntho Vieira (aguardando <i>agrément</i>)
EMBAIXADOR NÃO-RESIDENTE:	A ser designado
BRASILEIROS NO PAÍS:	Há cerca de 10 brasileiros no Afeganistão

INTERCÂMBIO BILATERAL BRASIL-AFEGANISTÃO (US\$ milhões - Fonte: MDIC)										
Brasil → Afeganistão	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2018 (Jan-Out)
Intercâmbio	1,51	0,54	1,77	3,79	8,86	11,53	12,71	6,99	9,5	12,13
Exportações	0,02	0,34	1,45	3,21	8,76	10,83	12,47	6,71	9,28	11,9
Importações	1,49	0,21	0,32	0,58	0,1	0,69	0,24	0,28	0,22	0,4
Saldo	-1,47	0,13	1,13	2,63	8,67	10,14	12,23	6,43	9,06	11,5

APRESENTAÇÃO

O Afeganistão é um país mediterrâneo, de relevante localização geoestratégica, na encruzilhada entre a Ásia Meridional e a Ásia Central. Além de ter feito parte das primeiras rotas de migrações humanas, o território afegão situa-se, historicamente, na confluência de diversas correntes comerciais, como as Rotas da Seda (antiga e nova), e de grandes civilizações, razão pela qual se tornou uma das regiões mais disputadas por grandes potências. Nesse contexto, o Afeganistão, ao longo de sua longa história milenar, foi palco de inúmeras campanhas militares, que marcaram profundamente seu povo e seu território.

O país tem fronteiras com o Paquistão, ao leste e ao sul; com o Irã, a oeste; com Turcomenistão, Uzbequistão e Tadjiquistão, ao norte; e com a China, a nordeste. O Afeganistão é um enclave montanhoso, com planícies a norte e a sudoeste. Há abundância de rios, mas a maior parte do volume de água flui para países vizinhos, de modo que grande parte do território enfrenta clima seco.

Sua população é de aproximadamente 36,7 milhões de pessoas. Além dos pachtos (*pashtun*), outros grupos étnicos importantes são os hazaras (que seguem o ramo xiita do islamismo) e os tajiques. A religião muçulmana predomina no país, com adesão de 99,7% da população, sendo essa comunidade, do ponto de vista confessional, constituída por aproximadamente 85% de sunitas e 15% de xiitas.

PERFIS BIOGRÁFICOS

ASHRAF GHANI

Presidente



Ashraf Ghani nasceu em 1949, na província de Logar. Cursou o ensino médio nos Estados Unidos e formou-se em antropologia pela Universidade Americana de Beirute, tendo obtido o mestrado e o doutorado na Universidade de Columbia (EUA).

Após atuar por vários anos como professor universitário, ingressou no Banco Mundial em 1991. Após a queda do Talibã, retornou ao Afeganistão com o objetivo de trabalhar em prol da reconstrução do país. Foi assessor do então presidente Hamid Karzai e, posteriormente, atuou como Ministro das Finanças, cargo que ocupou até dezembro de 2004.

Em 2010, desempenhou a função de presidente do Comitê de Coordenação da Transição, entidade responsável pela transferência da autoridade das tropas estrangeiras para as forças nacionais. Em 2014, foi eleito presidente do Afeganistão.

ABDULLAH ABDULLAH

Chefe do executivo



Nasceu em Cabul, em 1960, e formou-se em medicina pela Universidade de Cabul. Ocupou numerosas posições durante sua extensa carreira política, tendo atuado como representante internacional da Aliança do Norte, organização político-militar que se opunha ao Talibã.

Em 2001, foi nomeado ministro da Relações Exteriores do governo de transição, cargo em que foi confirmado após as eleições presidenciais e no qual permaneceu até 2005. Em 2009, concorreu à Presidência, tendo sido o segundo colocado no primeiro turno. Por alegadas conturbações no processo eleitoral, terminou por retirar sua candidatura.

Em 2014, candidatou-se novamente à Presidência, tendo obtido a maioria dos votos no primeiro turno. Após a vitória de Ashraf Ghani no segundo turno e contestação dos resultados, acordou-se a formação de “Governo de Unidade Nacional”, com Ghani como presidente e Abdullah como chefe do executivo.

RELAÇÕES BILATERAIS

Em 1933, como primeiro marco do relacionamento bilateral, Brasil e Afeganistão assinaram, em Ancara, Tratado de Amizade, firmado pelos respectivos plenipotenciários junto à Turquia. As relações diplomáticas foram formalizadas em 1952, levando à criação da legação brasileira não residente junto ao Afeganistão em fevereiro de 1953, cumulativa com a embaixada brasileira em Karachi, então capital paquistanesa. Posteriormente, a cumulatividade foi transferida para as embaixadas do Brasil em Nova Delhi (já no final de 1953), Islamabad (1966), Teerã (1968) e novamente Islamabad (2006).

O governo afegão considera o Brasil seu principal parceiro na América Latina, e, nesse contexto, inaugurou sua embaixada em Brasília em 2012. A abertura da Embaixada brasileira em Cabul não foi possível em virtude de restrições orçamentárias e condições de segurança locais. Por decisão do governo afegão, a embaixada em Brasília foi fechada no final de 2015, passando a embaixada do Afeganistão em Washington a servir, temporariamente, como missão não residente para o Brasil. Em abril de 2016, a Embaixada do Brasil em Islamabad reassumiu a representação cumulativa em relação ao Afeganistão. Em 2017, foi criado o Consulado Honorário do Brasil em Cabul, com o intuito de aprofundar laços econômicos e comerciais.

O Brasil acompanha atentamente a situação no Afeganistão e apoia os esforços da comunidade internacional em prol da reconciliação nacional e da reconstrução do país. O governo brasileiro tem buscado, dentro de suas possibilidades, prestar cooperação ao Afeganistão, por intermédio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), a exemplo da parceria estabelecida com a Universidade Federal de Lavras para o treinamento em extensão rural oferecido a técnicos afegãos (o curso mais recente ocorreu em outubro de 2018). Para além da agricultura, há potencial para a cooperação nas áreas de energias renováveis, mineração, educação, tecnologia eleitoral e políticas sociais. A cooperação com a ABC ocorre ao amparo do Acordo de Cooperação Técnica entre o Brasil e o Afeganistão, assinado em 2006 e promulgado em 2010.

O Brasil coadjuva, na medida do possível, os esforços em prol do progresso e da paz na nação afegã, além de ter envidado esforços, em diversas ocasiões, para a ajuda financeira àquele país. Em 2008, por ocasião

da Conferência Internacional de Apoio ao Afeganistão, em Paris, o Brasil anunciou contribuição de US\$ 100 mil para o Fundo Fiduciário de Reconstrução do Afeganistão (ARTF), administrado pelo Banco Mundial. Nova doação brasileira de US\$ 100 mil ao ARTF foi realizada no ano seguinte. Em 2012, o Brasil colaborou com doação de US\$ 250 mil para a Estratégia de Soluções para os Refugiados Afegãos (SSAR), iniciativa lançada pelo ACNUR e pelos governos de Afeganistão, Irã e Paquistão para facilitar a repatriação voluntária e a reintegração sustentável dos refugiados afegãos, além de apoiar comunidades anfitriãs.

Desde 2002, o Brasil vem prestando assistência humanitária ao Afeganistão, a exemplo do acolhimento de 23 refugiados afegãos que viviam protegidos pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) na Índia e no Irã e foram reassentados no Rio Grande do Sul, em abril daquele ano. Segundo dados de 2017 do Conselho Nacional de Refugiados (CONARE), há 64 afegãos reconhecidos como refugiados no Brasil.

Os então ministros Zalmay Rassoul (Negócios Estrangeiros) e Mohammad Asif Rahimi (Agricultura, Pecuária e Irrigação) participaram da Rio+20, em junho de 2012; e o vice-chanceler Atiqullah Atifmal visitou o Brasil em maio de 2014. Ademais, dois deputados afegãos participaram do III Fórum da Aliança das Civilizações (Rio de Janeiro, 2010).

Do lado brasileiro, a ABC organizou, em setembro de 2010, primeira missão técnica ao Afeganistão, ao lado de Embrapa, Abragem, DNPM e da Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri).

POLÍTICA INTERNA

O Afeganistão é um república presidencialista islâmica, cujo sistema político está organizado de forma tripartite com Executivo, Legislativo e Judiciário.

O presidente da República, atualmente Ashraf Ghani, é o chefe de Estado e de governo. Em 2014, acordou-se estabelecer “governo de unidade nacional”, por meio da criação do cargo temporário de chefe do executivo, ocupado por Abdullah Abdullah, o segundo candidato mais votado nas eleições daquele ano. Presidente e chefe do executivo são assistidos por um

gabinete de 25 ministros indicados pelo primeiro e aprovados pela Assembleia Nacional.

A Assembleia Nacional é bicameral, formada pela Câmara de Representantes do Povo, composta por 249 assentos eleitos diretamente, e pela Câmara de Anciões, equivalente ao Senado, composta por 102 assentos, dos quais dois terços são eleitos indiretamente e um terço é nomeado pelo presidente, havendo reservas para mulheres e minorias. Cabe destacar, ainda, a possibilidade de convocação de “grandes assembleias” (*loya jirgas*), que remonta à prática tradicional de tomada de decisões entre tribos afegãs. *Loya jirgas* foram convocadas, por exemplo, em 2002, para a aprovação de Hamid Karzai como presidente interino, após a derrocada do Talibã; e em 2003, para a discussão de nova constituição, adotada por consenso em 2004.

O poder Judiciário tem como mais alta instância a Suprema Corte, composta por oito juízes e liderada pelo chefe do Judiciário. Toda a Suprema Corte é nomeada pelo presidente, com a aprovação da Câmara dos Representantes do Povo, para mandatos de dez anos. Há também Cortes de Apelação, Cortes Primárias e Cortes Especiais, para assuntos específicos.

O Afeganistão está dividido em 34 províncias, administradas por governadores provinciais. As províncias, por sua vez, estão divididas em 398 distritos, administrados por governadores distritais. Os governadores provinciais são indicados pelo presidente e os governadores distritais são nomeados pelos governadores provinciais. Estes últimos são representantes do governo central, responsáveis por todos os temas formais e administrativos, no âmbito de suas respectivas províncias. Há, também, Conselhos Provinciais, eleitos em pleitos gerais diretos por um período de quatro anos. As funções desses Conselhos estão relacionadas ao planejamento para o desenvolvimento das províncias e à participação no monitoramento e avaliação de outras instituições do governo provincial. Os prefeitos deveriam ser eleitos por voto direto para mandatos de 4 anos; contudo, devido aos elevados custos implicados, as eleições municipais nunca aconteceram, tendo sido os prefeitos indicados pelo governo central.

O Afeganistão vem sendo afetado por complexa guerra civil que já dura 40 anos, originando-se no golpe de estado pró-soviético de 1978 (“Revolução Saur”) e na subsequente intervenção militar do Exército Vermelho no ano seguinte. No final da década de 1980, a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, negociada no âmbito dos **Acordos de Genebra**, minou as bases de sustentação do governo comunista em Cabul, que, no

entanto, perdurou até 1992, quando uma aliança entre facções *mujahedin* (oposição armada de orientação islâmica) tentou formar novo governo. A contínua disputa entre os diferentes grupos mujahedin levou à fragmentação da autoridade política no Afeganistão, abrindo caminho para a ocupação da maior parte do país, de 1996 a 2001, por milícias do chamado “Talibã”, que estabeleceu um pretendido Emirado Islâmico no país.

A campanha militar norte-americana no Afeganistão, em reação aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, levou à derrocada do governo talibã em apenas poucos meses (outubro e novembro de 2001). Logo em seguida, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) autorizou a formação de estruturas interinas de governo em Cabul, por meio dos Acordos de Bonn de 2001, e a criação de uma Força Internacional de Assistência para a Segurança (ISAF, cuja liderança a OTAN posteriormente assumiria) para estabilizar o Afeganistão.

A fase de transição institucional pós-Talibã (“Processo de Bonn”), sob governo interino comandado por Hamid Karzai, encerrou-se em 2004, com a entrada em vigor de uma nova Constituição e a realização dos primeiros pleitos democráticos da história afegã – as eleições presidenciais de 2004 e as parlamentares de 2005. No final de 2004, Hamid Karzai foi eleito presidente e, em 2009, logrou reeleger-se. Apesar de tais avanços institucionais, esse período foi marcado por gradual deterioração do quadro doméstico de segurança, com o fortalecimento da insurgência comandada pelo Talibã e a expansão da ISAF/OTAN para o interior do país.

Em 2014, novo pleito democrático leva à formação de “governo de união nacional”, composto pelas duas lideranças mais bem votadas nas eleições daquele ano, Ashraf Ghani e Abdullah Abdullah. A guerra civil afegã, que nunca cessou, vem recrudescendo desde 2014, tendo atingido seu maior número de fatalidades no período pós-soviético em 2017, com 14 mil mortes, incluindo civis e combatentes. No primeiro semestre de 2018, houve o número recorde de 1,692 civis mortos no conflito. O aumento da violência decorre da intensificação dos ataques do Talibã e do ingresso no conflito do autoproclamado “Estado Islâmico”. Com esses números, estima-se que conflito afegão seja o mais letal do globo em 2018, superando o conflito na Síria. Estima-se que 56% dos distritos do país (229 de 407) esteja sob efetivo controle do governo afegão, estando mais de 14% dos distritos (59) sob o domínio talibã. As demais áreas (119) estão sob disputa entre o governo e os insurgentes, de acordo com dados oficiais do governo norte-americano.

Em outubro de 2018, foram realizadas eleições legislativas, com o propósito de eleger os membros das duas Casas do Parlamento afegão. Segundo números da Comissão Eleitoral Independente, órgão responsável pela organização do pleito, foram às urnas mais de 4 milhões dentre os cerca de 9 milhões de afegãos registrados para votar. A taxa de participação foi considerada alta, tendo em conta os riscos de segurança em torno das seções eleitorais. A realização do pleito para a câmara baixa era tarefa importante para o governo Ashraf Ghani, que vinha adiando sua realização desde 2016. Os resultados das eleições serão publicados no dia 20 de dezembro de 2018.

POLÍTICA EXTERNA

Os parâmetros da etapa mais recente do processo de paz afegão foram delineados no contexto da Primeira Conferência de Cabul, em 2010 (inaugurando o chamado “Processo de Paz de Cabul”), e obtiveram respaldo internacional abrangente por ocasião da segunda Conferência de Bonn sobre o Afeganistão, em dezembro de 2011. Destacam-se, em particular, a expectativa de que os insurgentes do Talibã deponham suas armas, rompam vínculos com redes terroristas transnacionais e respeitem a Constituição afegã, inclusive no tocante às garantias na área de direitos humanos. Compridas tais exigências, estaria implícita a perspectiva de que o Talibã viesse a ser reconhecido como força política a integrar o processo de reconstrução nacional.

A presença civil da ONU no país, coordenada desde 2002 pela Missão de Assistência das Nações Unidas no Afeganistão (UNAMA), desempenha tarefas políticas, humanitárias e de apoio à consolidação estatal, à reconciliação doméstica e à cooperação regional. Existem mais de 18 agências da ONU trabalhando, em coordenação com o governo afegão e organizações não-governamentais, no processo de desenvolvimento do país, incluindo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Programa Mundial de Alimentos (PMA), além de outras agências que ganham papel de destaque nos temas de repatriação de refugiados e retorno de deslocados internos.

O processo de paz afegão é respaldado por diversos mecanismos plurilaterais, a exemplo do Processo de Paz de Cabul, do Formato de Moscou, do Grupo Internacional de Contato, do Processo de Istambul (“Coração da Ásia”), da Conferência de Cooperação Econômica Regional

(RECA) e do Grupo de Contato para o Afeganistão no âmbito da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX).

O Brasil participou das seguintes conferências de doadores relativas ao conflito no Afeganistão: Londres, em 2006; Paris, em 2008 (ocasião em que o país anunciou doação de US\$ 100 mil ao Fundo Fiduciário de Reconstrução do Afeganistão); Tóquio, em 2012; e Bruxelas, em 2016. O país também participou das conferências políticas de Haia, em 2009; Cabul, em 2010; Bonn, em 2011; e das conferências regionais de Dushambe, em 2012; Cabul, em 2015; e Tashkent, em 2018.

O Grupo Internacional de Contato para o Afeganistão é formado por cerca de 50 embaixadores residentes em Cabul. Desde 2009, o grupo é uma das principais plataformas de coordenação política e diplomática para a questão afegã. O Processo de Istambul (“Coração da Ásia”), criado em 2011, busca contribuir para a construção de confiança no entorno do Afeganistão. Na V Reunião Ministerial da iniciativa, em 2016, foi estabelecido Grupo de Coordenação Quadripartite, formado por Paquistão, Afeganistão, China e Estados Unidos, com o objetivo de discutir modalidades para um eventual processo de reaproximação com o Talibã. Atuando paralelamente ao Processo de Istambul, a Conferência de Cooperação Econômica Regional (RECA) representa foro para o debate de novas possibilidades de intercâmbio comercial e crescimento econômico para o Afeganistão. Já o Grupo de Contato para o Afeganistão no âmbito da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX) foi criado em 2017 e representa outra instância regional que busca auxiliar no processo de paz no Afeganistão.

Pequim vem reiterando seu interesse em atuar em favor da aproximação entre o Afeganistão e o Paquistão, cujas relações são hoje marcadas pela desconfiança. Cabul queixa-se frequentemente de que militares paquistaneses protegem líderes talibãs afegãos dentro das fronteiras paquistanesas. Em janeiro de 2018, general afegão declarou à imprensa internacional que a China financiaria a construção de base militar em Badakhshan, em região fronteiriça com a China, que estaria preocupada com a incursão de insurgentes em seu território.

As relações com o Paquistão trazem desafios para o Afeganistão. A fronteira entre os dois países é porosa e serve tanto como rota de fuga de terroristas quanto como linha de abastecimento para grupos insurgentes. Tem-se observado esforço de aproximação e melhora das relações entre os países, no âmbito, por exemplo, do Plano de Ação Afeganistão-Paquistão

para a Paz e Solidariedade (APAPPS, em inglês), além do intercâmbio de visitas de alto nível. O Paquistão entende que a estabilidade no país vizinho é importante para a paz, harmonia e conectividade de seu entorno geográfico. Nesse contexto, o novo primeiro-ministro paquistanês, Imran Khan, tem dado mostras de que pretende reajustar as complexas relações com o Afeganistão, reduzindo pontos de tensão e tomando medidas de fortalecimento de confiança. Em setembro de 2018, Khan anunciou que seu governo tomará medidas para regularizar a situação migratória de milhões de afegãos que vivem indocumentados no Paquistão. Embora existam 1,5 milhões de afegãos registrados como refugiados, a estimativa da ONU é de que haveria também cerca de 1,2 milhão de afegãos não regularizados.

No final de fevereiro e início de março de 2018, o governo Ghani organizou a Segunda Conferência do Processo de Paz de Cabul. Nessa ocasião, Ghani indicou sua disposição de iniciar negociações diretas com o Talibã, oferecendo a possibilidade de libertação de prisioneiros talibãs, a serem reintegrados à sociedade; o estabelecimento de cessar-fogo; a realização de novas eleições em que o Talibã poderia participar, como partido político reconhecido, caso abandonasse as armas; o início de processo de revisão constitucional; e a eventual abertura de um escritório do Talibã na capital afegã. Segundo analistas, a oferta do governo afegão reforçou as credenciais do presidente Ghani como promotor de projeto de paz, forçando o Talibã a assumir o desgaste da recusa do diálogo. Apesar de curto cessar-fogo estabelecido por apenas alguns dias em junho de 2018, o Talibã não tem demonstrado disposição de reduzir ataques que acabam por vitimar populações civis, e permanece reticente a qualquer reconhecimento do governo em Cabul.

O Formato de Consultas de Moscou, lançado em 2017, coordena as posições de Rússia, Afeganistão, China, Índia, Irã, Paquistão e outros países da Ásia Central no processo de reconciliação afegã. Na segunda reunião da iniciativa, em novembro de 2018, Moscou logrou, pela primeira vez em foros internacionais, a participação tanto de representantes do governo afegão como do Talibã. A Rússia tem mantido contatos com o Talibã afegão e seria favorável a que o movimento insurgente se sentasse à mesa de negociações. Entretanto, nega acusações de que estaria fornecendo apoio militar ao grupo.

Moscou vê com preocupação a vulnerabilidade securitária da Ásia Central e teme que o Afeganistão sirva de plataforma para que grupos terroristas – especialmente o autoproclamado “Estado Islâmico” – adentrem

a Rússia ou seus aliados centro-asiáticos. A esse respeito, o presidente Ghani vem minimizando a importância da filial afegã do “Estado Islâmico” (Daesh Khorasan), que contaria com menos de 2.000 integrantes, concentrados em algumas poucas regiões (Nangarhar e Kunar). O governo russo é também um dos críticos mais vocais da intervenção militar da OTAN no Afeganistão, apontando que esta não foi capaz de trazer solução para o conflito e que houve aumento da produção e tráfico de drogas no país. A diplomacia russa buscou, em 2014, sem êxito, que o novo contingente da OTAN no Afeganistão (RSM/OTAN) fosse mandatado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, como ocorreu com sua antecessora (ISAF/OTAN). Também em 2014, Moscou encerrou a parceria logística que manteve desde 2009 com a aliança atlântica para facilitar o trânsito de materiais para o Afeganistão.

No que concerne aos Estados Unidos, o presidente Donald Trump anunciou, em agosto de 2017, nova estratégia norte-americana para o Afeganistão e a Ásia Central, que não estabelece prazo para a retirada completa das tropas estadunidenses que atuam no país. O número de forças americanas no Afeganistão diminuiu consideravelmente - já chegou a 100.000 soldados durante a administração Obama e hoje gira em torno de 14.000. Após o fim das operações de combate das forças ocidentais em 2014, a maior parte das tropas americanas havia-se concentrado em grandes centros populacionais. Com a nova estratégia, o presidente Trump anunciou o recrudescimento de ações militares contra os insurgentes afegãos, incluindo bombardeios aos laboratórios de heroína, importante fonte de recursos para o Talibã. A administração Trump prometeu, ainda, intensificar a pressão em relação ao Paquistão, para que o país combatasse alegados grupos terroristas abrigados em seu território.

Em outubro de 2018, em mais uma mudança da postura norte-americana, o novo enviado especial do governo dos EUA para o Afeganistão, Zalmay Khalizad, estabeleceu contato direto com o Talibã, durante visita a Doha. De acordo com o porta-voz do Talibã, Zabiullah Mujahid, foram discutidas iniciativas para a suspensão do conflito armado no Afeganistão e as partes envolvidas teriam concordado em dar seguimento ao diálogo. Acrescentou ainda que, no momento, a presença de tropas estrangeiras em seu país permanece como principal entrave para a paz entre Kabul e o Talibã. Em novembro de 2018, o escritório do Talibã em Doha foi reativado, contando com a participação de cinco de seus comandantes que haviam cumprido pena na prisão norte-americana de Guantánamo. A representação do Talibã em Doha havia sido inaugurada em 2013, mas fora logo fechada por pressão do então presidente afegão Hamid Karzai. Segundo o governo catari, assim como em 2013, a atual decisão de abertura de escritório do Talibã foi tomada em atenção a solicitação direta do governo norte-americano.

Em que pese a organização de diversas plataformas diplomáticas para facilitar o diálogo entre o governo afegão e o Talibã, persistem obstáculos estruturais à paz no Afeganistão. O Talibã e seus aliados da Rede Haqqani (desmembramento do primeiro grupo) creem estar em posição de força, o que reduz seus interesses em sentar à mesa de negociação, apesar dos primeiros passos nesse sentido. O governo afegão, por seu turno, ao mesmo tempo em que demonstra abertura para entabular negociações com o Talibã, parece posicionar-se para um conflito interno com menor intensidade, mas duração indefinida.

ECONOMIA, COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

Segundo dados do Banco Mundial, em 2017 o PIB do Afeganistão foi de US\$ 21,815 bilhões, com renda per capita de US\$ 639,74 e cerca de 36% da população vive abaixo da linha da pobreza. A agricultura é a base da economia afegã, com destaque para o cultivo da papoula e, em menor escala, do açafrão. De acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), o país responde por cerca de 85% do mercado mundial de ópio e 77% do mercado de heroína, que representam importante fonte de receita do Talibã.

Na área de mineração, atualmente se destaca a extração de lápis-lazuli. O subsolo afegão compreende, ainda, jazidas não exploradas de ouro, cobre, ferro, lítio, nióbio, molibdênio e cobalto. O país carece, contudo, de investimentos e capacitação para viabilizar a exploração de seu potencial mineral. Em 2008, consórcio chinês assinou contrato para a exploração das jazidas de cobre de Mes Aynak, que prevê investimentos da ordem de US\$ 3,5 bilhões. Em 2011, firmas indianas e canadenses venceram leilão para desenvolver as minas de ferro de Hajigak, cujos investimentos poderia chegar a US\$ 11 bilhões. Apesar de tais expectativas de investimento, ambos os projetos ainda não produziram resultados expressivos.

O Afeganistão aderiu à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2015, durante a Reunião Ministerial da OMC em Nairóbi. O país importa anualmente cerca de US\$ 6,5 bilhões em produtos, sendo mais da metade procedente de grandes países vizinhos, notadamente Irã, Paquistão e China. Estima-se que o Afeganistão importante anualmente cerca de US\$ 66 milhões em carne de frango, dos quais US\$ 9,28 milhões foram importados do Brasil, em 2017. O Brasil é o segundo maior fornecedor de carne de frango para o Afeganistão, após os EUA. Outro mercado promissor que

poderia ser explorado diz respeito a maquinários elétricos, cujas importações totais movimentam mais de US\$ 1,1 bilhão por ano.

O intercâmbio entre o Brasil e o Afeganistão aumentou sensivelmente após a derrocada do Talibã em 2001, mas permanece em patamares modestos – evoluiu de US\$ 1,5 milhão em 2001 para US\$ 7 milhões em 2015, tendo culminado em US\$ 12,7 milhões em 2013. Em 2017, o intercâmbio comercial foi de US\$ 9,5 milhões. O Brasil é amplamente superavitário (97% do fluxo bilateral), sendo as exportações brasileiras concentradas na venda de carnes de frango. Cabe mencionar ainda que 20 aeronaves A-29 Super Tucano da Embraer, adquiridas pela Força Aérea dos EUA, foram cedidas ao Afeganistão, incluindo primeira entrega de 4 aeronaves em 2016. O Afeganistão exporta para o Brasil pequenas quantidades de frutas secas e pedras preciosas ou semipreciosas, como o lápis-lazúli.

A União Europeia, coletivamente, é a principal contribuinte financeira para o desenvolvimento afegão, com investimentos de US\$ 5 bilhões anunciadas durante conferência de doadores em Bruxelas, em 2016. Nova Delhi ofereceu mais de US\$ 2 bilhões de cooperação a Cabul desde 2001, entre projetos de capacitação institucional, desenvolvimento rural, construção de usinas hidrelétricas e educação superior.

Entre os projetos regionais de infraestrutura e conectividade, destacam-se o corredor de trânsito e comércio Lápis-Lazúli, que busca conectar o Afeganistão ao Mar Negro e ao Mar Mediterrâneo, passando por Turcomenistão, Geórgia, Azerbaijão e Turquia; a iniciativa chinesa da Nova Rota da Seda, cujos fluxos expressivos de investimento em toda a Ásia Central poderão beneficiar a infraestrutura afegã; o corredor logístico entre o porto iraniano de Chabahar e a cidade afegã de Zaranj, na fronteira com o Irã; e o corredor de frete aéreo entre Cabul, Kandahar, Nova Delhi e Mumbai. Cabe mencionar a construção do Porto de Chabahar no Irã, cujo projeto foi estabelecido por meio de acordo tripartite de transporte e trânsito entre Afeganistão, Irã e Índia, a fim de garantir acesso ao mar aos afegãos, por intermédio da referida instalação portuária iraniana. Parte inicial do Porto de Chabahar foi inaugurada em dezembro de 2017.

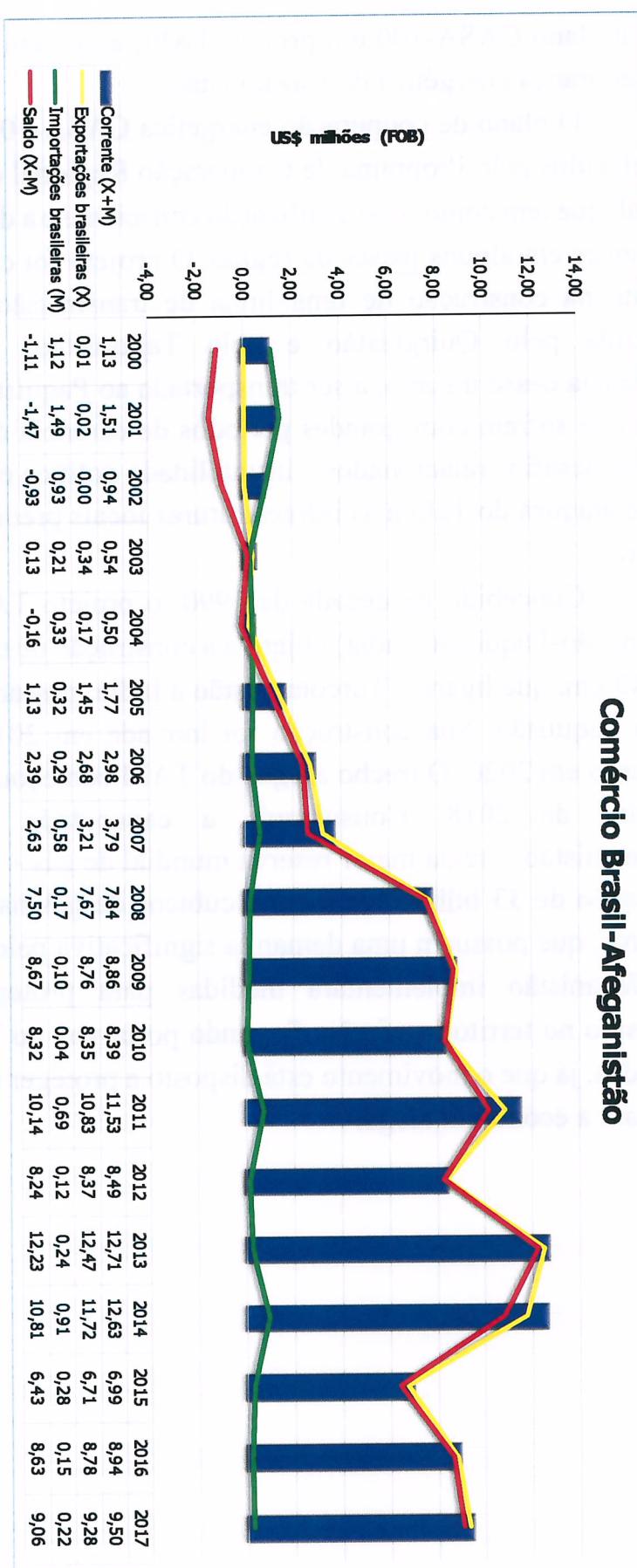
O Afeganistão importa de seus vizinhos quase 80% da eletricidade que consome. Apenas um terço da população afegã tem acesso regular à energia elétrica, produzida, em grande medida, por pequenas usinas hidrelétricas. Nesse contexto, iniciativas de cooperação energética regional,

como o plano CASA-100 e o projeto TAPI, assumem particular relevância para segurança energética do Cazaquistão.

O plano de cooperação energética CASA-1000 é um dos projetos estabelecidos pelo Programa de Cooperação Regional e Econômica da Ásia Central, que tem como foco a utilização consciente e a disposição de energias excedentes em alguns países da região. O projeto foi concebido em 2013, e consiste na construção de uma linha de transmissão da energia elétrica produzida pelo Quirguistão e pelo Tajiquistão, países com grande abundância desse insumo, a ser transportada ao Paquistão e ao Afeganistão, países que sofrem com grandes períodos de carência de energia. O projeto enfrenta desafios relacionados à instabilidade política e à insegurança afegã, pois os ataques do Talibã às infraestruturas locais preocupam investidores e parceiros.

Concebido na década de 1990, o projeto TAPI (Turcomenistão-Afeganistão-Paquistão-Índia) objetiva a construção de um gasoduto de cerca de 1840 km, que ligará o Turcomenistão à Índia, passando pelo Afeganistão e pelo Paquistão. Sua construção foi iniciada em 2015, com previsão de conclusão em 2020. O trecho afegão do TAPI começou a ser construído em fevereiro de 2018. Considerada a capacidade de exploração do Turcomenistão – sexta maior reserva mundial de gás – o projeto permitirá a exportação de 33 bilhões de metros cúbicos de gás natural ao ano para os parceiros, que possuem uma demanda significativa pelo insumo. O governo do Afeganistão implementará medidas para proteger o gasoduto do terrorismo no território afegão. Segundo porta-voz do Talibã, os riscos são reduzidos, já que o movimento está disposto a proteger o TAPI, considerado vital para a economia afegã.

Comércio Brasil-Afeganistão

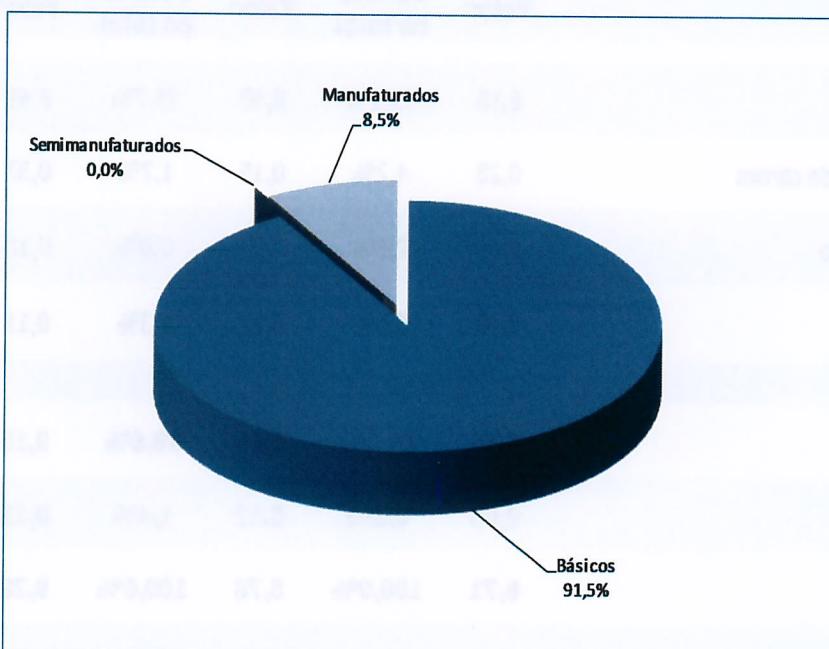


2017 / 2018	Exportações brasileiras	Importações brasileiras	Corrente de comércio	Saldo
2017 (jan-out)	8,6	0,2	8,8	8,4
2018 (jan-out)	11,9	0,4	12,3	11,5

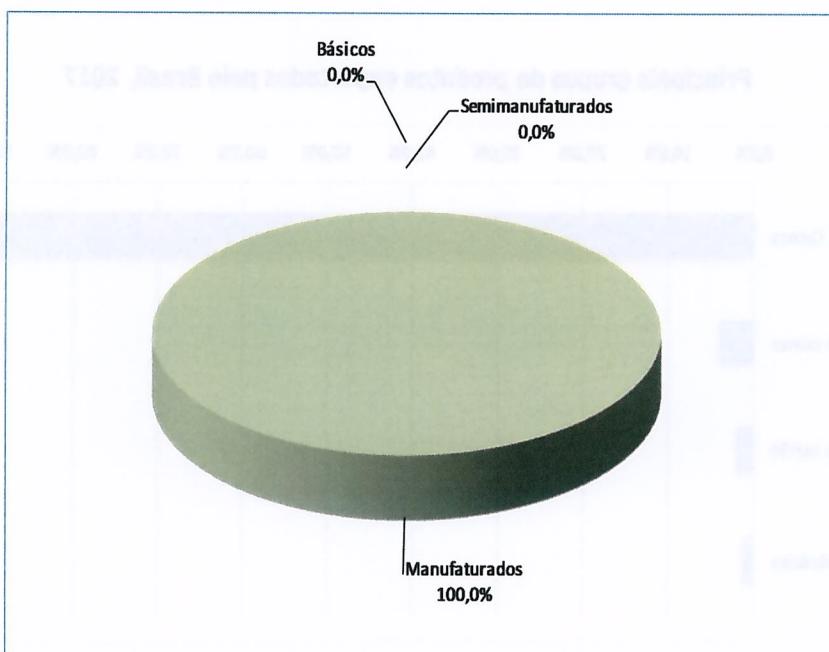
Elaborado pelo MRE/DIR/DC - Departamento de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX. Novembro de 2018.

**Exportações e importações brasileiras por fator agregado
2017**

Exportações



Importações



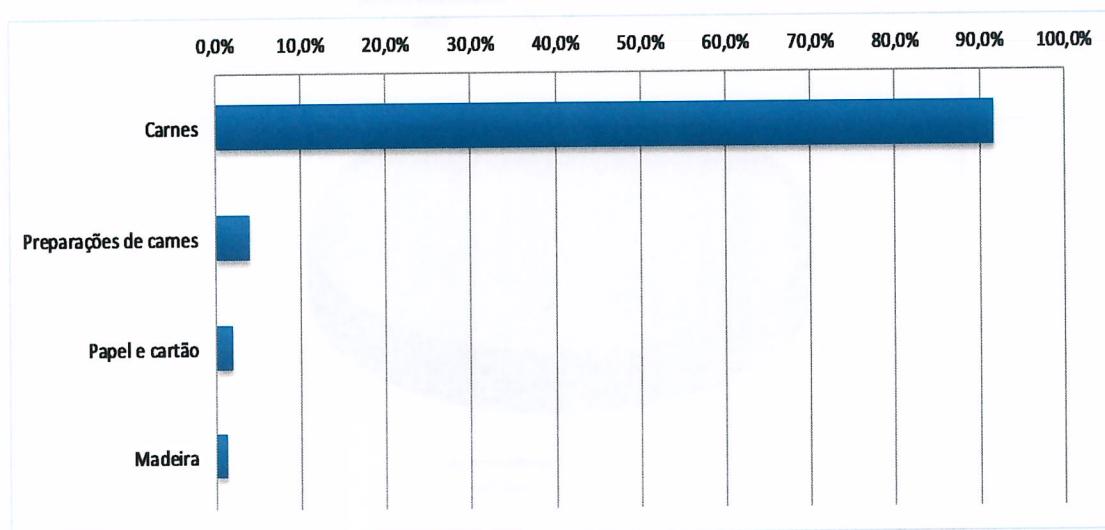
Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX, Novembro de 2018.

Composição das exportações brasileiras para o Afeganistão
US\$ milhões

Grupos de produtos (SH2)	2015		2016		2017	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Carnes	6,18	92,2%	8,40	95,7%	8,49	91,5%
Preparações de carnes	0,28	4,2%	0,15	1,7%	0,37	3,9%
Papel e cartão	0,19	2,8%	0,0	0,0%	0,18	2,0%
Madeira	0,00	0,0%	0,12	1,3%	0,11	1,2%
Subtotal	6,65	99,2%	8,66	98,6%	9,15	98,6%
Outros	0,05	0,8%	0,12	1,4%	0,13	1,4%
Total	6,71	100,0%	8,78	100,0%	9,28	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Comexstat, Novembro de 2018.

Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil, 2017

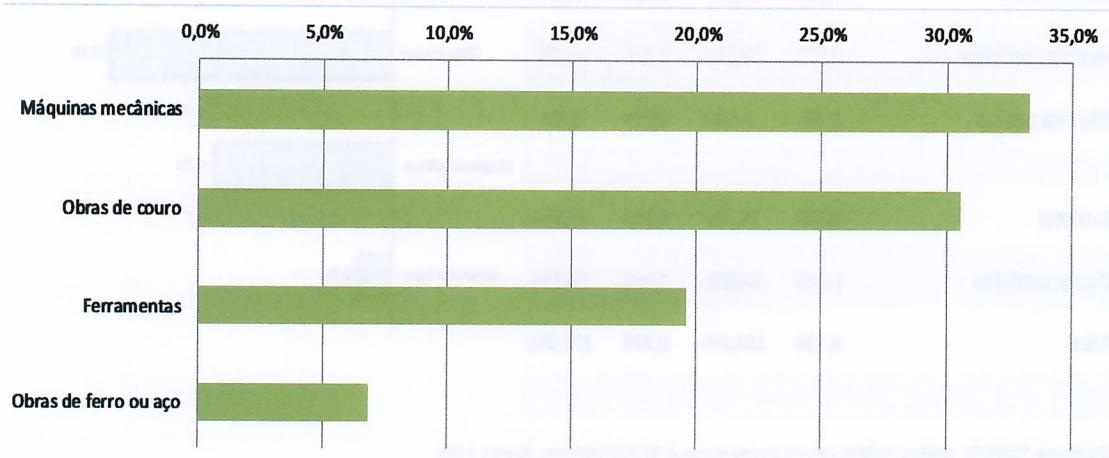


Composição das importações brasileiras originárias do Afeganistão
US\$ milhões

Grupos de produtos (SH2)	2015		2016		2017	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Máquinas mecânicas	0,068	24,2%	0,037	24,2%	0,073	33,3%
Obras de couro	0,000	0,0%	0,000	0,0%	0,067	30,6%
Ferramentas	0,000	0,0%	0,040	26,1%	0,043	19,6%
Obras de ferro ou aço	0,000	0,0%	0,011	7,2%	0,015	6,8%
Subtotal	0,068	24,2%	0,088	57,5%	0,198	90,4%
Outros	0,213	75,8%	0,065	42,5%	0,021	9,6%
Total	0,281	100,0%	0,153	100,0%	0,219	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Comexstat, Novembro de 2018.

Principais grupos de produtos importados pelo Brasil, 2017

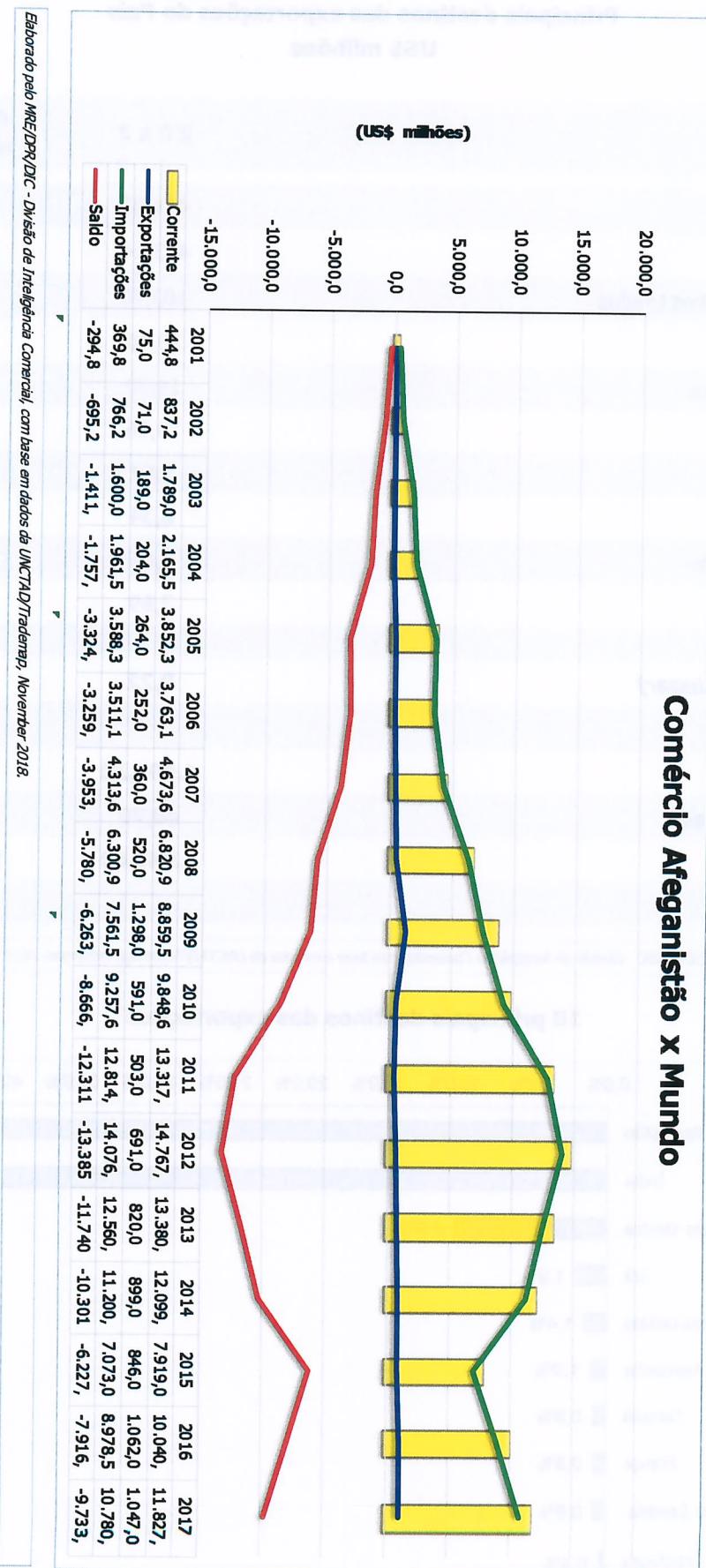


Composição do intercâmbio comercial (dados parciais)
US\$ milhões

Grupos de produtos (SH2)	2017 (jan-out)	Part. % no total	2018 (jan-out)	Part. % no total	Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil em 2018
Exportações					
Carnes	7,973	92,3%	9,974	84,0%	Carnes 84,0%
preparações alimentícias	0,000	0,0%	1,082	9,1%	preparações alimentícias 9,1%
Preparações de carnes	0,242	2,8%	0,400	3,4%	Preparações de carnes 3,4%
Calçados	0,000	0,0%	0,206	1,7%	Calçados 1,7%
Subtotal	8,215	95,1%	11,662	98,3%	
Outros	0,421	4,9%	0,207	1,7%	
Total	8,636	100,0%	11,869	100,0%	
Grupos de produtos (SH2)	2017 (jan-out)	Part. % no total	2018 (jan-out)	Part. % no total	Principais grupos de produtos importados pelo Brasil em 2018
Importações					
Automóveis	0,015	7,9%	0,146	37,0%	Automóveis 37,0%
Obras de couro	0,052	27,5%	0,120	30,4%	
Máquinas mecânicas	0,071	37,6%	0,075	19,0%	Obras de couro 30,4%
Máquinas elétricas	0,005	2,6%	0,014	3,5%	Máquinas mecânicas 19,0%
Subtotal	0,143	75,7%	0,355	89,9%	
Outros produtos	0,046	24,3%	0,040	10,1%	Máquinas elétricas 3,5%
Total	0,189	100,0%	0,395	100,0%	

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Corexstat, Novembro de 2018.

Comércio Afeganistão x Mundo

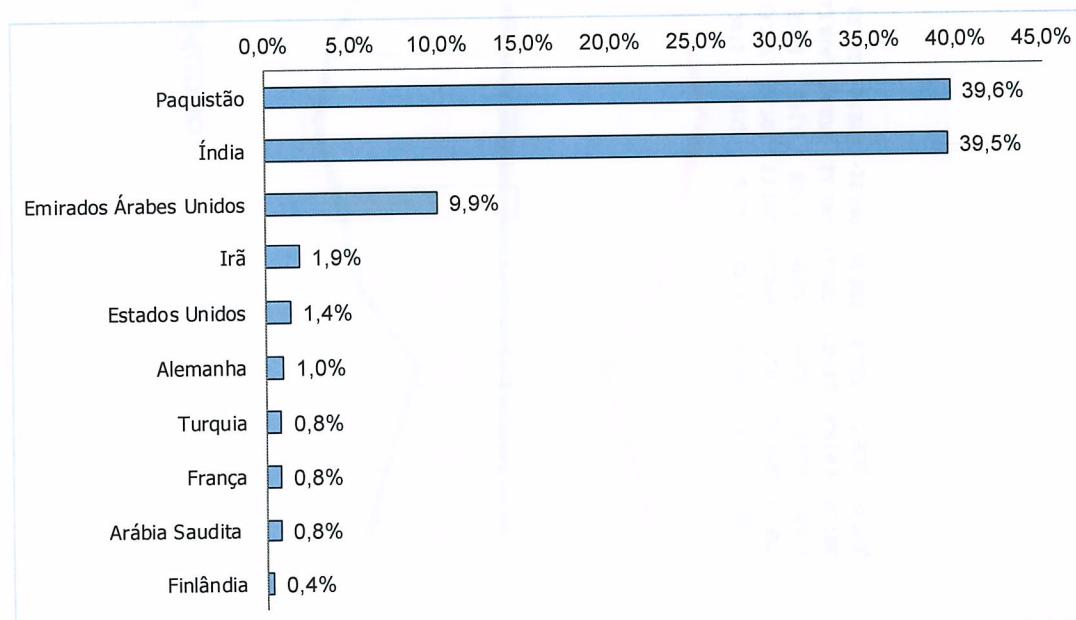


Principais destinos das exportações do País
US\$ milhões

Países	2 0 1 7	Part.% no total
Paquistão	414,87	39,6%
Índia	413,14	39,5%
Emirados Árabes Unidos	103,76	9,9%
Irã	20,40	1,9%
Estados Unidos	14,70	1,4%
Alemanha	10,36	1,0%
Turquia	8,83	0,8%
França	8,34	0,8%
Arábia Saudita	8,00	0,8%
Finlândia	3,69	0,4%
...		
Brasil (40º lugar)	0,22	0,0%
Subtotal	1.006,30	96,1%
Outros países	40,70	3,9%
Total	1.047,00	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, November 2018.

10 principais destinos das exportações

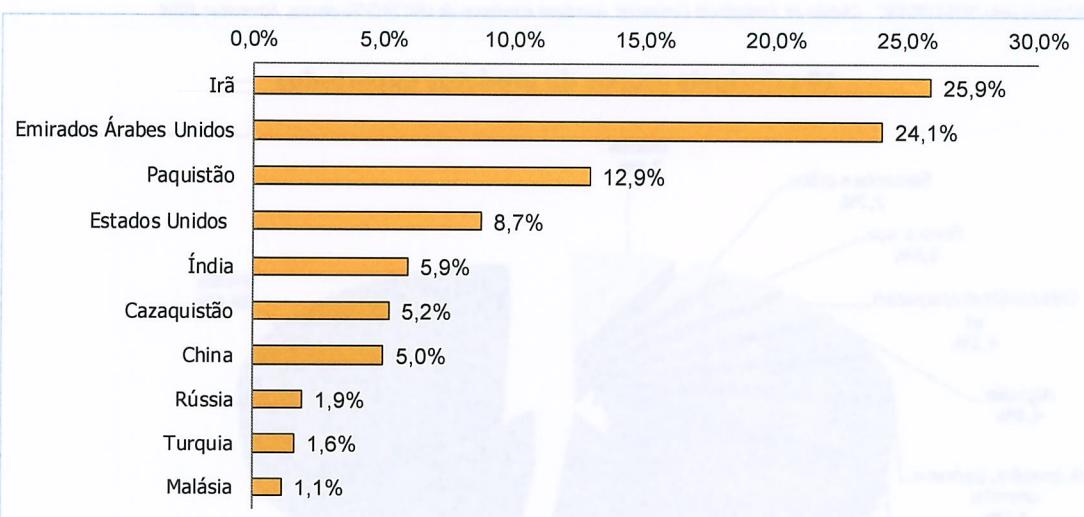


Principais origens das importações do País
US\$ milhões

Países	2 0 1 7	Part.% no total
Irã	2.791,26	25,9%
Emirados Árabes Unidos	2.593,06	24,1%
Paquistão	1.390,08	12,9%
Estados Unidos	941,43	8,7%
Índia	639,01	5,9%
Cazaquistão	562,76	5,2%
China	541,21	5,0%
Rússia	204,63	1,9%
Turquia	172,19	1,6%
Malásia	119,79	1,1%
...		
Brasil (32º lugar)	9,28	0,1%
Subtotal	9.964,69	92,4%
Outros países	815,51	7,6%
Total	10.780,20	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, November 2018.

10 principais origens das importações

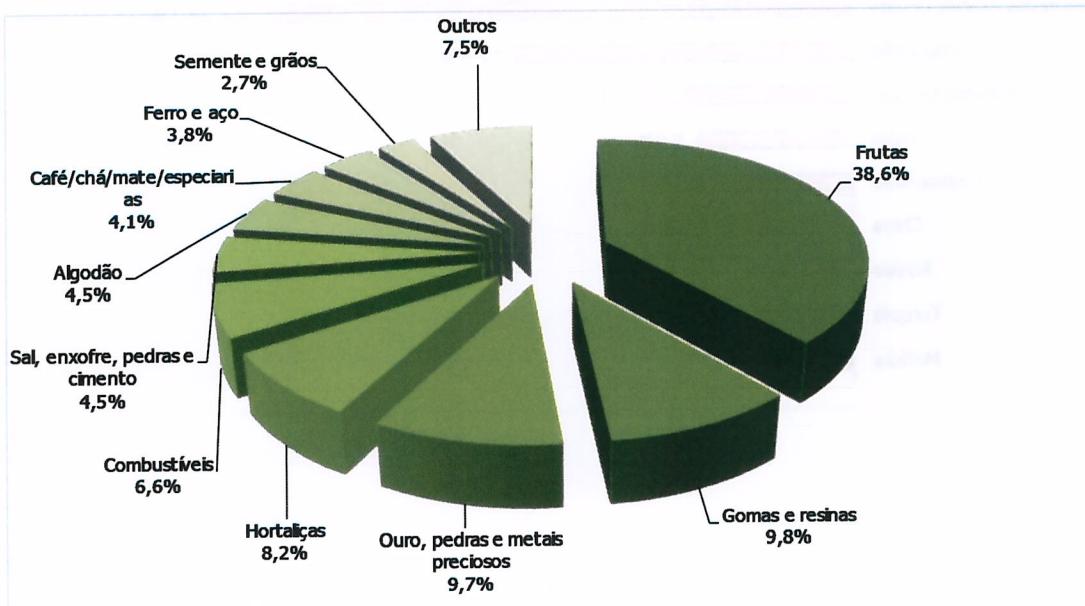


Composição das exportações do Afeganistão
US\$ milhões

Grupos de Produtos (SH2)	2017	Part.% no total
Frutas	403,90	38,6%
Gomas e resinas	102,53	9,8%
Ouro, pedras e metais preciosos	101,50	9,7%
Hortaliças	86,08	8,2%
Combustíveis	68,95	6,6%
Sal, enxofre, pedras e cimento	47,43	4,5%
Algodão	46,92	4,5%
Café/chá/mate/especiarias	42,78	4,1%
Ferro e aço	39,93	3,8%
Semente e grãos	28,60	2,7%
Subtotal	968,61	92,5%
Outros	78,39	7,5%
Total	1.047,00	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, November 2018.

10 principais grupos de produtos exportados

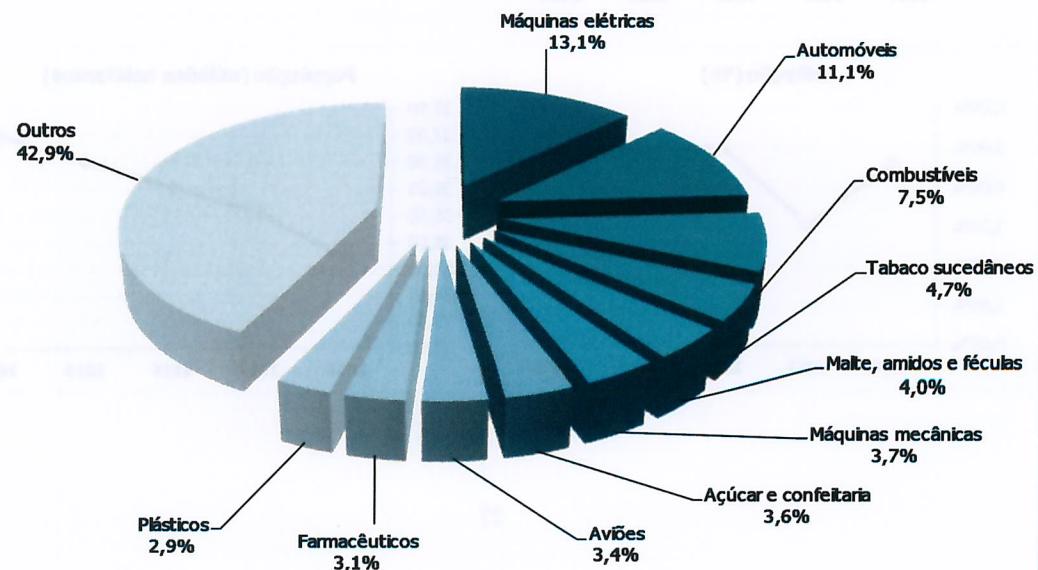


Composição das importações do Afeganistão
US\$ bilhões

Grupos de produtos (SH2)	2 0 1 7	Part.% no total
Máquinas elétricas	1.414,85	13,1%
Automóveis	1.194,13	11,1%
Combustíveis	803,98	7,5%
Tabaco sucedâneos	501,50	4,7%
Malte, amidos e féculas	434,14	4,0%
Máquinas mecânicas	400,88	3,7%
Açúcar e confeitaria	383,33	3,6%
Aviões	363,93	3,4%
Farmacêuticos	337,60	3,1%
Plásticos	316,08	2,9%
Subtotal	6.150,42	57,1%
Outros	4.629,78	42,9%
Total	10.780,20	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, November 2018.

10 principais grupos de produtos importados



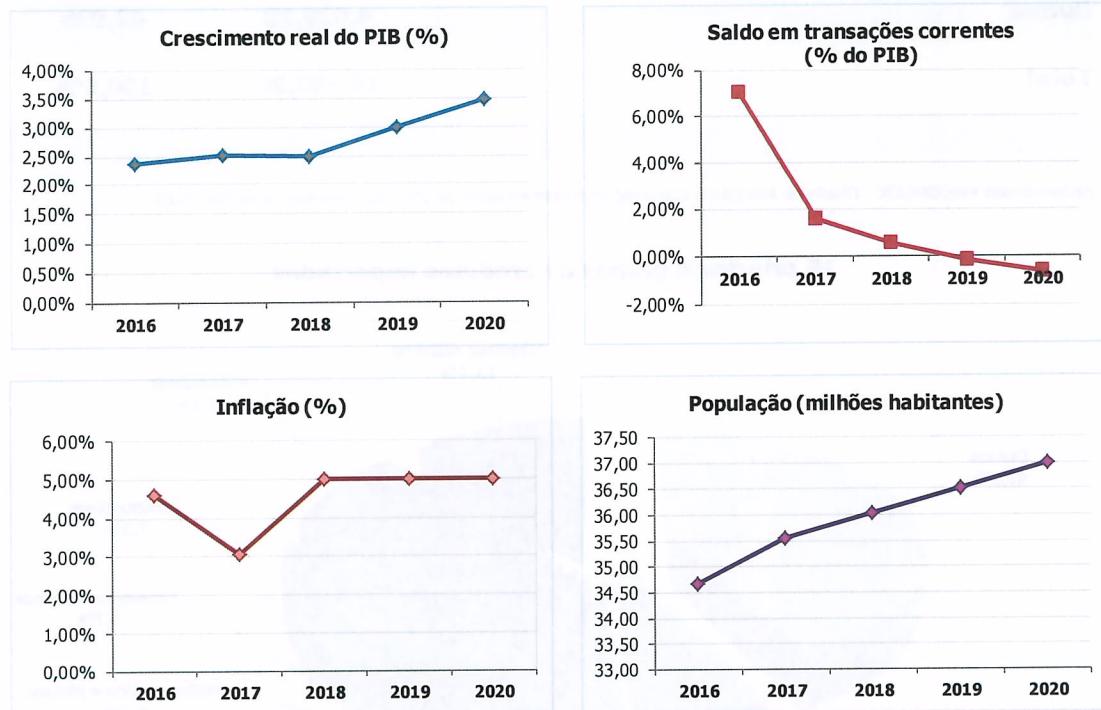
Principais indicadores socioeconômicos do Afeganistão

Indicador	2016	2017	2018 ⁽¹⁾	2019 ⁽¹⁾	2020 ⁽¹⁾
Crescimento real do PIB (%)	2,37%	2,51%	2,50%	2,98%	3,48%
PIB nominal (US\$ bilhões)	19,45	20,89	21,66	22,93	24,24
PIB nominal "per capita" (US\$)	561,35	587,92	601,25	627,92	655,26
PIB PPP (US\$ bilhões)	66,65	69,55	72,91	76,71	80,95
PIB PPP "per capita" (US\$)	1.923,28	1.957,58	2.024,19	2.101,18	2.187,71
População (milhões habitantes)	34,66	35,53	36,02	36,51	37,00
Desemprego (%)					
Inflação (%) ⁽²⁾	4,59%	3,04%	5,00%	5,00%	5,00%
Saldo em transações correntes (% do PIB)	7,05%	1,57%	0,59%	-0,15%	-0,66%
Dívida externa (US\$ bilhões)					
Câmbio (Af / US\$) ⁽²⁾	67,87	68,03			
Origem do PIB (2017 Estimativa)					
Agricultura			44,3%		
Indústria			18,1%		
Serviços			37,6%		

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base nos dados do IMF - World Economic Outlook Database, April 2018, da EIU, Economist Intelligence Unit, Country Report November 2018 e da Cia.gov/World Factbook.

(1) Estimativas FMI e EIU.

(2) Média do período.



CRONOLOGIA HISTÓRICA

520 a.C.- 330 a.C.	O império Persa estabelece a satrapia de Báctria na Ásia Central.
329 a.C.- 323 a.C.	Alexandre, o Grande, após derrotar o império Persa, conquista a região do atual Afeganistão.
311 a.C.	Seleuco Nicátor, um dos generais de Alexandre, estabelece controle sobre a região.
305 a.C.	O imperador indiano Chandragupta Mauria, após guerra com o império Selêucida, casa-se com uma das filhas de Seleuco e consolida seus domínios sobre a Ásia Central e Meridional.
250 a.C.	O império Greco-Bactriano forma-se a partir de desmembramento do império Selêucida na Ásia Central e controla a região de Báctria.
180 a.C.	Após o fim do império Mauria, Demétrio I avança em direção à Ásia Meridional e forma o império Indo-Bactriano. Território do Afeganistão é disputado entre os impérios Greco-Bactriano e Indo-Bactriano.
30	O império Kushana, formado por descendentes de povos chineses que migraram com a progressiva consolidação da dinastia Han na China nos séculos anteriores, consolida seus domínios sobre partes da Ásia Central e Meridional.
127-150	O imperador Kanishka, da dinastia kushana, difunde o budismo na Ásia Central.
Séc. III	O império Persa (Sassânida) volta a estabelecer presença na Ásia Central e, ao longo dos próximos dois séculos, alterna o controle da região com os heftalitas (“hunos brancos”).
652	Início da dominação islâmica na região.
1219-1221	O imperador mongol Genghis Khan invade o território afegão.
1747	Ahmad Durrani controla a região do Afeganistão e estabelece império que é considerado a origem do Estado moderno afegão.
1826	Dost Mohammed Khan, da dinastia Baraksai, rival dos Durrani, torna-se rei do Afeganistão.
1839	Forças britânicas invadem pela primeira vez o Afeganistão e intercedem na disputa entre as dinastias baraksai e durrani (Primeira Guerra Anglo-afegã). O rei durrani Shah Shujah é reinstituído no poder.
1842	Morre o rei Shah Shujah e as tropas indo-britânicas são derrotadas pelas forças baraksai. Wazir Akbar Khan, filho de Dost Mohammed Khan, torna-se emir do Afeganistão.

1878-1880	Segunda Guerra Anglo-afegã, que deu controle das relações externas do Afeganistão à Grã-Bretanha.
1919	Sob a liderança do emir Amanullah Khan, o Afeganistão recupera a independência depois de uma terceira guerra contra as forças britânicas, tornando-se uma monarquia.
1926-1929	Amanullah abdica do trono, após enfrentar resistência às reformas sociais propostas.
1933	Zahir Shah torna-se rei do Afeganistão.
1946	O Afeganistão ingressa na Organização das Nações Unidas (ONU).
1973	O general Mohammed Daud toma o poder e proclama a República do Afeganistão.
1978	Daud é executado por militares afegãos, simpáticos ao Partido Democrático do Povo, que instaura governo pró-soviético, sob a presidência de Nur Mohammad Taraki.
1979	Taraki é executado por seu rival comunista Hafizullah Amin. A União Soviética envia tropas para o Afeganistão e auxilia Babrak Karmal, rival de Amin, a tomar o poder. Amin é executado.
1988	Afeganistão, União Soviética, Estados Unidos e Paquistão assinam acordos de paz e a União Soviética começa a retirar suas tropas do território afegão.
1989	Os últimos soldados soviéticos deixam o Afeganistão, mas a guerra civil continua e os rebeldes <i>mujahedin</i> tentam derrubar o presidente pró-soviético Mohammad Najibullah, que continua no poder até 1992.
1996	O Talibã assume o controle de Cabul.
2001	Inicia-se bombardeio liderado pelos EUA em reação aos atentados terroristas de 11 de setembro.
2002	Tropas de paz estrangeiras são enviadas ao Afeganistão sob coalizão da OTAN. Hamid Karzai é eleito chefe do governo provisório.
2004	Hamid Karzai é eleito presidente da República. Nova constituição é adotada.
2005	Ocorrem as primeiras eleições parlamentares em trinta anos.
2009	Hamid Karzai é reeleito presidente.
2010	Os EUA informam que vão retirar suas forças gradualmente do país.
2014	Ashraf Ghani vence a eleição presidencial e, após contestação dos resultados pelo segundo colocado, Abdullah Abdullah, um governo de união nacional é formado entre os dois líderes políticos.
2017	Donald Trump anuncia o envio de mais tropas para combater o Talibã.

CRONOLOGIA DAS RELAÇÕES BILATERAIS

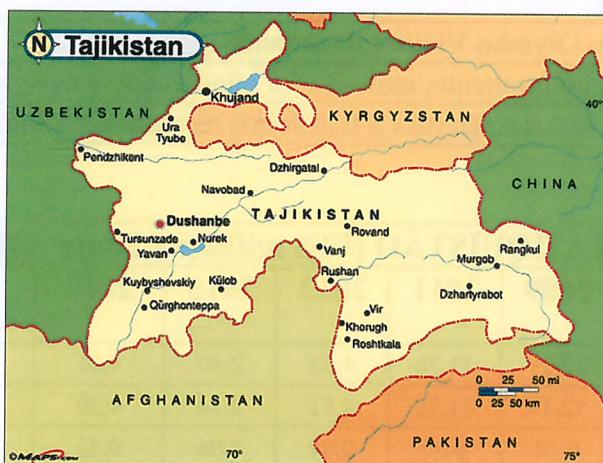
1933	Celebrado Tratado de Amizade entre o Brasil e o Afeganistão, na Turquia.
1952	Brasil e Afeganistão estabelecem relações diplomáticas.
1979	O Brasil não reconhece o governo instalado por força da intervenção da antiga União Soviética no Afeganistão.
1996	Com a tomada de poder, no Afeganistão, pelo Talibã, o Brasil suspende as relações bilaterais e mantém seu reconhecimento ao governo de Burhanuddin Rabbani como legítimo representante do Afeganistão.
2001	O Brasil reconhece a Autoridade Interina do Afeganistão, constituída no final de 2001.
2004	O Brasil retoma relações diplomáticas com o país.
2006	Assinatura do Acordo de Cooperação Técnica entre os países.
2006	Visita do embaixador não-residente do Afeganistão, Said Tayeb Jawad, ao Brasil.
2006	Encontro bilateral entre os então presidentes Lula e Hamid Karzai, à margem da 61ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York.
2008	O Brasil participa da Conferência Internacional de Apoio ao Afeganistão, em Paris, e anuncia a doação de US\$ 100 mil ao Fundo Fiduciário de Reconstrução do Afeganistão.
2008	Segunda visita do embaixador não-residente do Afeganistão, Said Tayeb Jawad, ao Brasil.
2010	O embaixador não-residente Said Jawad visita o Brasil pela terceira vez.
2010	Decreto de criação da Embaixada residente do Brasil em Cabul.
2012	Abertura da Embaixada do Afeganistão em Brasília.
2015	Fechamento da Embaixada do Afeganistão em Brasília.
2016	Publicado decreto que determina que a Embaixada em Cabul volte a ser, temporariamente, cumulativa com a Embaixada em Islamabad.
2017	Criação do Consulado Honorário em Cabul

ACORDOS BILATERAIS

Título	Data de Celebração	Entrada em Vigor	Publicação
Tratado de Amizade entre o Brasil e o Afeganistão	20/02/1933	23/12/1937	05/02/1938
Acordo Básico de Cooperação Técnica entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Islâmica do Afeganistão	01/08/2006	29/06/2009	02/02/2010
Ajuste Complementar ao Acordo Básico de Cooperação para implementação do Projeto “Fortalecimento da Extensão Rural no Afeganistão.	19/06/2012	19/06/2012	24/09/2012
Ajuste Complementar ao Acordo Básico de Cooperação Técnica para Implementação do Projeto “Abordagem Colaborativa para o Zoneamento Agroecológico do Afeganistão.	03/08/2012	20/06/2012	24/09/2012

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

REPÚBLICA DO TAJIQUISTÃO



INFORMAÇÃO OSTENSIVA
Novembro de 2018

DADOS BÁSICOS SOBRE O TAJIQUISTÃO

NOME OFICIAL:	República do Tajiquistão
GENTÍLICO:	Tajique
CAPITAL:	Dushambe
ÁREA:	144.100 km ²
POPULAÇÃO:	8,604 milhões (2018)
LÍNGUA OFICIAL:	Tajique (língua de Estado) e russo (língua franca)
PRINCIPAIS RELIGIÕES:	Islamismo (85% sunitas e 5% xiitas), outros (10%)
SISTEMA DE GOVERNO:	Presidencialismo
PODER LEGISLATIVO:	Parlamento bicameral composto pela Assembleia de Representantes e pela Assembleia Nacional
CHEFE DE ESTADO E DE GORVERNO:	Emomali Rahmon (desde 19 de novembro de 1992)
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) NOMINAL (2017):	US\$ 7,146 bilhões
PIB – PARIDADE DE PODER DE COMPRA (PPP) (2017):	US\$ 28,373 bilhões
PIB PER CAPITA (2017)	US\$ 830
PIB PPP PER CAPITA (2016)	US\$ 3.297
VARIAÇÃO DO PIB	6,7% (2014); 6,00% (2015); 6,90% (2016); 4,5% (2017)
ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - IDH (2018):	0,65 (127 ^a posição entre 189 países)
EXPECTATIVA DE VIDA (2018):	71,2 anos
ALFABETIZAÇÃO (2016):	99,8%
ÍNDICE DE DESEMPREGO (2017):	10,28% (PNUD)
UNIDADE MONETÁRIA:	Somoni
EMBAIXADOR EM DUSHAMBE:	Ministro Olyntho Vieira (aguardando agrément)
EMBAIXADOR NO BRASIL:	Não há, no momento, embaixador não-residente designado.
BRASILEIROS NO PAÍS:	Não há dados referentes a brasileiros residentes no Tajiquistão

INTERCÂMBIO BILATERAL BRASIL-TAJIQUISTÃO (US\$ milhões - Fonte: MDIC)

Brasil →Tajiquistão	2003	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2018 (Jan-Out)
Intercâmbio	0,18	1,20	9,11	12,27	11,76	4,52	2,80	4,81	6,01
Exportações	0,18	1,18	9,11	12,13	11,75	4,51	2,74	4,39	5,32
Importações	0	0,02	0,00	0,14	0,00	0,01	0,06	0,43	0,69
Saldo	0,18	1,16	9,10	11,98	11,75	4,51	2,68	3,96	4,62

APRESENTAÇÃO

País de 144.100 km² na Ásia Central, o Tajiquistão faz fronteira com a China, o Afeganistão, o Quirguistão e o Uzbequistão.

Sua população é de 8,331 milhões, sendo aproximadamente 90% da população mulçumana (85% sunita e 5% xiita). Etnicamente, a população do Tajiquistão é composta por 84% de tajiques (cuja língua é muito próxima ao farsi falado no Irã), 14% de uzbeques e 2% relativo a outras etnias. Somente 26% da população reside em áreas urbanas.

Em termos de recursos naturais, o Tajiquistão tem reservas de petróleo, urânio, ouro e prata, além de grande potencial de produção de energia hidroelétrica.

O Tajiquistão é visto como elemento estabilizador na Ásia Central. Além de seu importante papel para o combate ao terrorismo no vizinho Afeganistão (reconhecido e valorizado por potências como Estados Unidos, China e Rússia), o país participa ativamente de projetos bilaterais e regionais de conectividade energética e de infraestrutura, inclusive no âmbito da Nova Rota da Seda chinesa.

PERFIS BIOGRÁFICOS

EMOMALI RAHMON

Presidente



Nascido em 1952, em Kulob, serviu na Força Militar da Marinha do Pacífico de 1971 a 1975. Graduou-se em economia na Universidade Nacional Tajique. De 1976 a 1987, trabalhou no Comitê de União do

Complexo da Fazenda Coletiva Lênin, e, de 1987 a 1992, foi presidente dessa corporação.

Em 1990, foi eleito deputado do Soviete Supremo do Tajiquistão. Após o colapso da União Soviética, Rahmon foi forçado a renunciar ao cargo, em 1992, no contexto da Guerra Civil Tajique. No mesmo ano, o Tajiquistão tornou-se uma república parlamentarista e Rahmon foi eleito para o cargo de primeiro-ministro.

Em 1994, uma nova Constituição reinstituiu o presidencialismo, e Emomali Rahmon foi eleito presidente da República do Tajiquistão, sendo reeleito em 1999 e 2006. Em 2016, por meio de referendo, tornou-se presidente vitalício.

RELAÇÕES BILATERAIS

As relações diplomáticas entre Brasil e Tajiquistão foram estabelecidas por meio de protocolo assinado em Moscou, em março de 1996. Atualmente, não existe representação diplomática brasileira residente na República do Tajiquistão, estando a representação a cargo da Embaixada em Islamabad.

Em 2009, como resultado das enchentes e deslizamentos de terra no país, mais de 3 milhões de pessoas foram deslocadas. A comunidade internacional mobilizou-se por meio de organismos internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para as Crianças (UNICEF) e o Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas. O Brasil solidarizou-se com as vítimas, realizando doação humanitária no valor de US\$ 50.000, por intermédio do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas.

Em 2012, o presidente Rahmon visitou o Brasil, no âmbito da Conferência Rio+20, onde liderou a proposta de realização do "Ano Internacional da Água", comemorado em 2013. Em 2018, o ministro da Energia e Recursos Hídricos do Tajiquistão, Usmonali Usmonzoda, participou do Fórum Mundial da Água, realizada em Brasília.

Em maio de 2018, o embaixador brasileiro, não residente, visitou Dushambe. Na ocasião, encontrou-se com autoridades tajiques que manifestaram interesse em estabelecer cooperação nas áreas de produção hidrelétrica, regulamentação aduaneira, segurança alimentar e turismo. Mencionaram-se, ademais, oportunidades de elevação do fluxo de comércio bilateral, inclusive por meio da aquisição de aeronaves da EMBRAER. O

lado brasileiro reiterou proposta de criação de Consulado Honorário do Brasil em Dushambe. A parte tajique, por sua vez, apresentou proposta de criação de mecanismo de consultas políticas, que se encontra em etapa de negociação.

Posteriormente, em junho de 2018, o representante brasileiro permanente junto às Nações Unidas participou, em Dushambe, da Conferência Internacional de Alto Nível sobre a Implementação da Década Internacional para Ação – Água para o Desenvolvimento Sustentável 2018-2028. Nessa ocasião, o representante brasileiro foi recebido pelo vice-ministro das relações exteriores do Tajiquistão, que mencionou a possibilidade de ser criada uma comissão econômica conjunta. Reiterou, ainda, o interesse do governo tajique na aquisição de aviões da Embraer e na cooperação para formação de diplomatas.

O comércio bilateral é discreto, tendo registrado fluxo de US\$ 4,8 milhões em 2017, com superávit de US\$ 3,9 milhões para o Brasil. A pauta exportadora brasileira é composta em sua maior parte por carne e miúdos de frango. Na pauta importadora, destaca-se o antimônio, usado em ligas metálicas e semicondutores.

Assuntos Consulares

Não há registro de brasileiros residentes no Tajiquistão.

POLÍTICA INTERNA

Parte da União Soviética até a dissolução do país, em 1991, o Tajiquistão passou, em seus primeiros anos como país independente, por uma guerra civil que chegou ao fim em 1997.

Atualmente, o Tajiquistão é uma república presidencialista, na qual o presidente é tanto chefe de estado quanto chefe de governo. O Tajiquistão tem um primeiro-ministro, mas sem funções de chefe de governo – seu papel inclui assessorar o presidente e atuar como líder do governo no parlamento. O presidente Emomali Rahmon está no poder desde 1992.

O poder legislativo tem estrutura bicameral e é constituído pela Assembleia Nacional (34 cadeiras, 25 das quais são eleitas indiretamente por assembleias representativas locais, 8 são nomeadas pelo presidente e 1 é reservada para o ex-presidente) e pela Assembleia dos Deputados (63

cadeiras, 41 das quais eleitas diretamente por maioria absoluta em dois turnos e 22 eleitas por voto proporcional direto em um único turno). Os mandatos são de cinco anos.

O poder judiciário tajique mantém estrutura semelhante ao modelo vigente no período soviético, constituído por cortes locais, de 1^a e 2^a instâncias, e cortes nacionais. Nessas últimas, os juízes são nomeados pelo presidente, com aprovação da Assembleia Nacional, para mandatos de dez anos. Há ainda tribunais militares, que atuam predominantemente conforme as tradições mulçumanas.

POLÍTICA EXTERNA

O Tajiquistão é membro fundador da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) e da Organização de Cooperação de Xangai (OCX).

A política externa tajique, definida pelo presidente Emomali Rahmon como “multidirecional”, privilegia o fortalecimento das relações com seus vizinhos centro-asiáticos. Sua posição geográfica, ademais, faz com que se destaque sua relação com a China.

O presidente Rahmon publicou, em 2015, documento intitulado “Conceito da Política Externa do Tajiquistão”, que estabeleceu as diretrizes da diplomacia tajique, a saber: proteção e fortalecimento da independência tajique; formação de relações de confiança com parceiros internacionais baseadas em interesses mútuos; criação de condições favoráveis para o desenvolvimento econômico, social e cultural do país; e proteção dos direitos humanos. Ademais, o documento destaca a importância da assistência às comunidades tajiques em outros países e o esforço para consolidar imagem positiva do Tajiquistão no exterior, como país democrático e secular. O Conceito, por fim, destaca como prioritário o fortalecimento dos contatos com os países membros da Comunidade dos Estados Independentes (“CEI”), bem como o estabelecimento de “relações entre iguais e de benefício mútuo” com o Uzbequistão e a Rússia.

O governo tajique mantém esforço permanente de contenção do ingresso no país de terroristas e narcotraficantes oriundos do vizinho Afeganistão. Dushambe monitora, com apreensão, a crescente presença do autointitulado “Estado Islâmico” no lado afegão da fronteira. O esforço estabilizador do governo tajique tem sido relativamente bem sucedido, tal

como atestado pelos baixos índices de criminalidade no país e pelo combate exitoso ao tráfico de drogas. Por outro lado, é motivo de preocupação episódio de ataque terrorista ocorrido no Tajiquistão, em julho de 2018, cuja autoria foi reivindicada pelo autodenominado "Estado Islâmico", que vitimou membros de um grupo de ciclistas estrangeiros.

No tocante às relações com a Rússia, Dushambe tem adotado posições que procuram reforçar sua autonomia, a exemplo das resistências tajiques em ingressar na União Econômica Euroasiática (UEE), da qual participam a Rússia e outras repúblicas ex-soviéticas (Armênia, Belarus, Cazaquistão e Quirguistão). Desde sua independência, o Tajiquistão convive com a presença de base militar e de militares russos, responsáveis pela guarda da fronteira. Nos primeiros meses de 2018, houve um aumento da cooperação securitária entre Rússia e Tajiquistão, em virtude da ênfase dada por Moscou ao combate à presença do autointitulado “Estado Islâmico” na Ásia Central. É importante destacar, ademais, o forte relacionamento econômico entre o Tajiquistão e a Rússia, especialmente devido a remessas de renda da população tajique residente na Rússia.

O Tajiquistão, alternativamente, tem buscado o fortalecimento das relações com outros parceiros, como a China. Tal como no caso de outros países da Ásia Central, a relação bilateral com a China centra-se nos grandes empréstimos e investimentos chineses em infraestrutura, no âmbito da iniciativa “Belt and Road”, a Nova Rota da Seda chinesa. Em agosto de 2016, o Tajiquistão, juntamente com a China, o Afeganistão e o Paquistão, inaugurou o Mecanismo Quadrilateral de Cooperação e Coordenação, que representa aliança contra o terrorismo regional capitaneada pela China.

Com relação aos Estados Unidos, o Tajiquistão permite que os norte-americanos utilizem bases aéreas em seu território para operações de combate ao terrorismo no Afeganistão. Washington e Dushambe também cooperam nas áreas de combate ao tráfico de narcóticos e de não-proliferação de armas nucleares.

As relações com o vizinho Quirguistão desenvolvem-se em clima de tensão e desentendimentos, especialmente quanto às migrações na porosa zona de fronteira. Os 970 km da diáde entre as duas nações ainda não foram completamente delimitados. Em novembro de 2017 os dois governos negociaram acordo que delimitou aproximadamente 520 km de fronteira. Há atritos ocasionais entre guardas de fronteira. Os dois países reúnem as reservas hídricas mais abundantes na Ásia Central, diversamente do

Cazaquistão e do Uzbequistão, que são mais dependentes de fontes relacionadas ao gás natural e ao carvão.

As relações com o Uzbequistão, em especial, constituem fator de preocupação da política externa tajique. Há conflitos pelo acesso a recursos hídricos e disputa fronteiriça no Vale de Fergana, que abrange o Quirguistão, o Tajiquistão e o leste do Uzbequistão. Em 2016, após a assunção do novo presidente uzbeque, Shavkat Mirkiyoyev, deu-se início a lento processo de reaproximação entre os dois países, incluindo, por exemplo, a celebração de acordo para o reestabelecimento de voos entre as capitais, Tashkent e Dushambe, iniciados em 2018. O regime restritivo de concessão de vistos vigente entre os dois países, contudo, representa desafio para a consolidação da nova ponte aérea. Em março de 2018, o presidente uzbeque viajou à capital do Tajiquistão a fim de visitar seu homólogo tajique, algo que não ocorria desde 2000. Na ocasião, assinaram acordo segundo o qual o Tajiquistão se comprometia a fornecer energia elétrica para o Uzbequistão em períodos sazonais, recebendo, em contrapartida, gás natural uzbeque.

As relações com o Paquistão são pouco intensas, mas cordiais, focadas na preocupação comum do combate ao terrorismo regional. O tema faz parte dos principais desafios da política externa do Tajiquistão, dada a ameaça de grupos islâmicos radicais que, ocasionalmente, ingressam no território tajique pelas fronteiras com o Afeganistão. A dimensão energética também é um ponto de contato entre os países, pois ambos os países fazem parte do projeto de linhas de transmissão elétrica entre Quirguistão, Tajiquistão, Afeganistão e Paquistão. O projeto CASA-1000, cujas obras foram lançadas em 2015 e deverão ser concluídas em 2018, permitirá o fornecimento de 1000 MW ao Paquistão e 300 MW ao Afeganistão.

ECONOMIA, COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

O Tajiquistão ingressou na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2013. O país tem baixo Produto Interno Bruto *per capita* (US\$ 830 em 2017), um dos menores entre as ex-repúblicas soviéticas. A infraestrutura do país foi negativamente afetada pela guerra civil de 1992-1997.

Desde 2001, a economia do país vem-se recuperando, alcançando taxas de crescimento anuais acima de 6% até 2016 e de 4,7% em 2017. Os índices de pobreza também vêm caindo progressivamente, com uma redução de 37% para 31% entre 2012 e 2016. Já a inflação tem apresentado variações de 6,1%, em 2014, até 6,7% em 2017.

A economia tajique baseia-se na extração de minerais, processamento de metais e agricultura. A contribuição das remessas dos cidadãos que vivem no exterior é, no entanto, a parte dominante de sua economia. Atualmente, mais de um milhão de cidadãos tajiques trabalham em outros países, em função das altas taxas de desemprego que provocaram o êxodo em massa do país. As remessas de trabalhadores tajiques no exterior correspondem a cerca de um terço do PIB do país, o que torna o Tajiquistão um dos países mais dependentes desse tipo de receita. Em 2017, o Tajiquistão recebeu US\$ 2,6 bilhões em remessas, a maior parte oriunda da Rússia; esse valor equivale a mais de um terço do PIB do país naquele ano, de US\$ 7,146. Dados oficiais do governo russo indicam haver atualmente mais de 700 mil tajiques na Rússia.

Na área de energia, ressalte-se que o Tajiquistão é fortemente dependente de fontes hidroelétricas (96%), embora mantenha pequenos projetos de fornecimento de energia solar em localidades remotas, sobretudo na fronteira com o Afeganistão. A população tajique conta com o fornecimento ininterrupto de energia elétrica durante todo o ano.

A crise financeira russa, entre 2014 e 2017, impactou fortemente a economia tajique. Ademais, a queda nos preços internacionais do alumínio e do algodão, entre 2015 e 2016, também teve impactos negativos, por serem esses os principais produtos de exportação do país.

O investimento externo direto no Tajiquistão está em torno de 15% de seu PIB, valor considerado baixo para padrões regionais e internacionais. Entre os fatores que dificultam a elevação desse índice, estão o fornecimento insuficiente de energia, os elevados impostos e a percepção de que há no país certa insegurança jurídica, principalmente quanto a direitos de propriedade.

As autoridades tajiques têm buscado apoio do Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento, do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial para financiar a estabilização do sistema bancário tajique, cronicamente subcapitalizado.

A retomada do crescimento econômico da Rússia, associada à recuperação dos preços do alumínio e do algodão, deverá ter efeitos positivos sobre a economia do Tajiquistão em 2018.

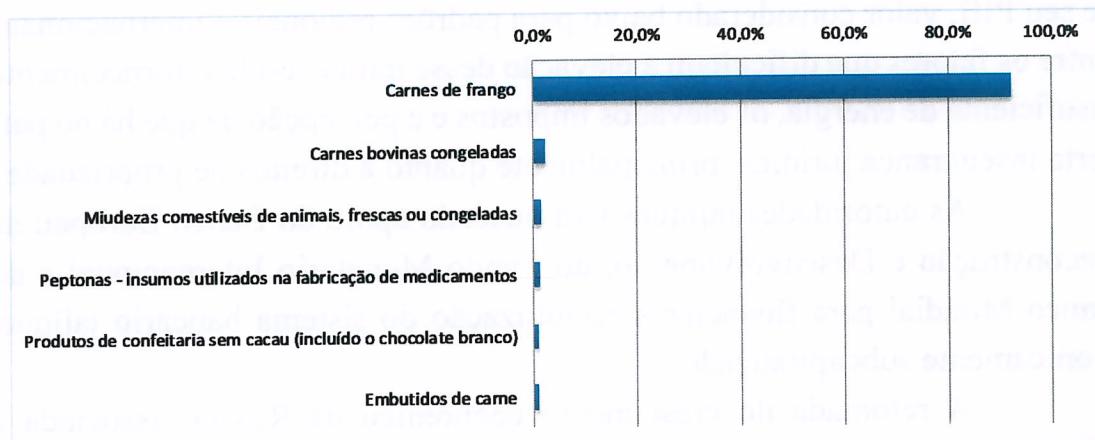
DADOS ECONÔMICOS E COMERCIAIS

Composição das exportações brasileiras para o Tadjiquistão (SH4) US\$ mil

Grupos de produtos	2015		2016		2017	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Carnes de frango	1.868	68,1%	1.485	48,7%	4.044	92,2%
Carnes bovinas congeladas	0	0,0%	0	0,0%	102	2,3%
Miudezas comestíveis de animais, frescas ou congeladas	0	0,0%	0	0,0%	66	1,5%
Peptonas - insumos utilizados na fabricação de medicamentos	0	0,0%	59	1,9%	49	1,1%
Produtos de confeitoraria sem cacau (incluído o chocolate branco)	0	0,0%	15	0,5%	34	0,8%
Embutidos de carne	839	30,6%	78	2,6%	31	0,7%
Subtotal	2.707	98,7%	1.637	53,7%	4.326	98,6%
Outros	35	1,3%	1.410	46,3%	59	1,4%
Total	2.742	100,0%	3.047	100,0%	4.386	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Abril de 2018.

Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil, 2017

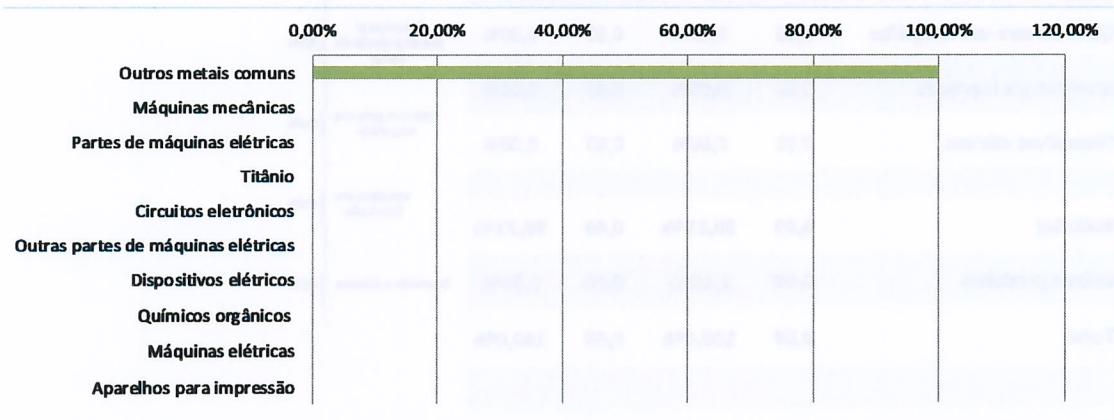


Composição das importações brasileiras originárias do Tajiquistão
US\$ milhões

Grupos de produtos (SH4)	2015		2016		2017	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Outros metais comuns	0,00	0,00%	0,00	0,00%	0,43	99,77%
Máquinas mecânicas	0,00	0,00%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Partes de máquinas elétricas	0,00	0,00%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Titânio	0,00	0,00%	0,00	100,0%	0,00	0,00%
Circuitos eletrônicos	0,00	0,00%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Outras partes de máquinas elétricas	0,00	0,00%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Dispositivos elétricos	0,00	0,00%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Químicos orgânicos	0,04	68,97%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Máquinas elétricas	0,01	22,41%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Aparelhos para impressão	0,00	6,90%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Subtotal	0,06	98,28%	0,00	100,0%	0,43	99,77%
Outros	0,00	1,72%	0,00	0,00%	0,00	0,23%
Total	0,06	100,0%	0,00	100,0%	0,43	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Comexstat, Novembro de 2018.

Principais grupos de produtos importados pelo Brasil, 2017



Composição do intercâmbio comercial (dados parciais)
milhões

Grupos de produtos (SH4)	2 0 1 7 (jan-out)	Part. % no total	2 0 1 8 (jan-out)	Part. % no total	Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil em 2018
Exportações					
Carnes e miudezas de aves	3,33	92,32%	2,88	54,13%	Carnes e miudezas de aves
Máquinas mecânicas	0,00	0,00%	2,16	40,64%	Máquinas mecânicas
Carne bovina congelada	0,05	1,44%	0,21	4,03%	Carne bovina congelada
Preparações de carne	0,02	0,47%	0,06	1,13%	Preparações de carne
Outras preparações de carnes	0,01	0,39%	0,00	0,06%	Outras preparações de carnes
Outras miudezas comestíveis	0,07	1,83%	0,00	0,00%	Outras miudezas comestíveis
Amidos e féculas	0,05	1,36%	0,00	0,00%	Amidos e féculas
Açúcares e confeitaria	0,03	0,91%	0,00	0,00%	Açúcares e confeitaria
Instrumentos de precisão	0,03	0,69%	0,00	0,00%	Instrumentos de precisão
Preparações alimentícias	0,01	0,30%	0,00	0,00%	Preparações alimentícias
Subtotal	3,60	99,72%	5,31	100,0%	
Outros	0,01	0,28%	0,00	0,0%	
Total	3,61	100,0%	5,32	100,0%	
Grupos de produtos (SH4)	2 0 1 7 (jan-out)	Part. % no total	2 0 1 8 (jan-out)	Part. % no total	Principais grupos de produtos importados pelo Brasil em 2018
Importações					
Outros metais comuns	0,09	98,85%	0,69	99,28%	Outros metais comuns
Circuitos eletrônicos	0,00	0,00%	0,00	0,43%	Circuitos eletrônicos
Máquinas p/ processamento de dados	0,00	0,00%	0,00	0,00%	Máquinas p/ processamento de dados
Químicos para uso fotográfico	0,00	0,00%	0,00	0,00%	Químicos para uso fotográfico
aparelhos pra impressão	0,00	0,00%	0,00	0,00%	aparelhos pra impressão
Dispositivos elétricos	0,00	0,00%	0,00	0,00%	Dispositivos elétricos
Subtotal	0,09	98,85%	0,69	99,71%	
Outros produtos	0,00	1,15%	0,00	0,29%	
Total	0,09	100,0%	0,69	100,0%	

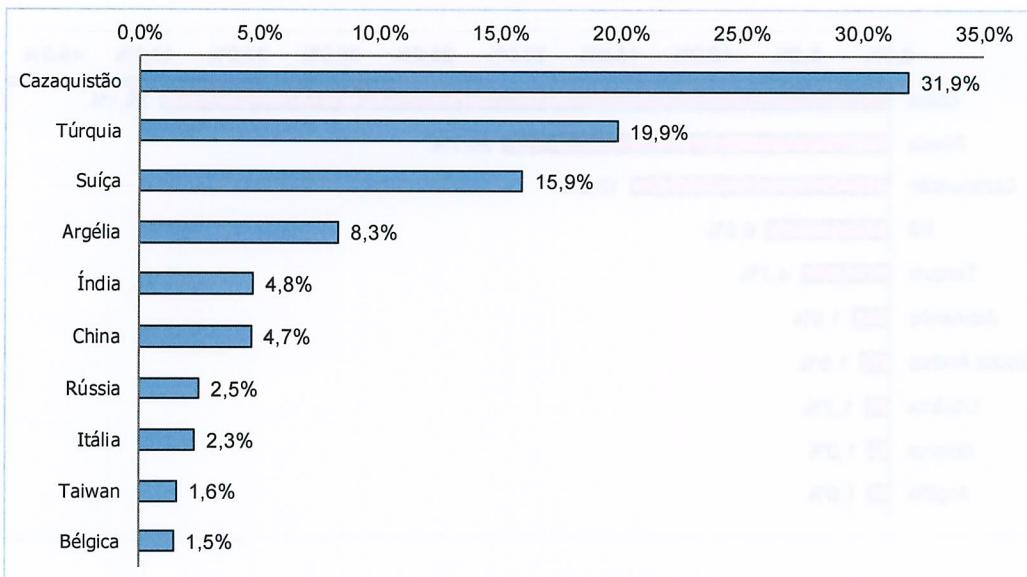
Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Correstat, Novembro de 2018.

Principais destinos das exportações do Tajiquistão
US\$ milhões

Países	2 0 1 7	Part.% no total
Cazaquistão	317,6	31,9%
Túquia	197,8	19,9%
Suíça	158,8	15,9%
Argélia	82,7	8,3%
Índia	47,5	4,8%
China	46,7	4,7%
Rússia	25,0	2,5%
Itália	23,3	2,3%
Taiwan	15,8	1,6%
Bélgica	14,5	1,5%
...		
Brasil (28º lugar)	0,4	0,0%
Subtotal	930,3	93,4%
Outros países	65,9	6,6%
Total	996,2	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, November 2018. - Dados espelhados

10 principais destinos das exportações

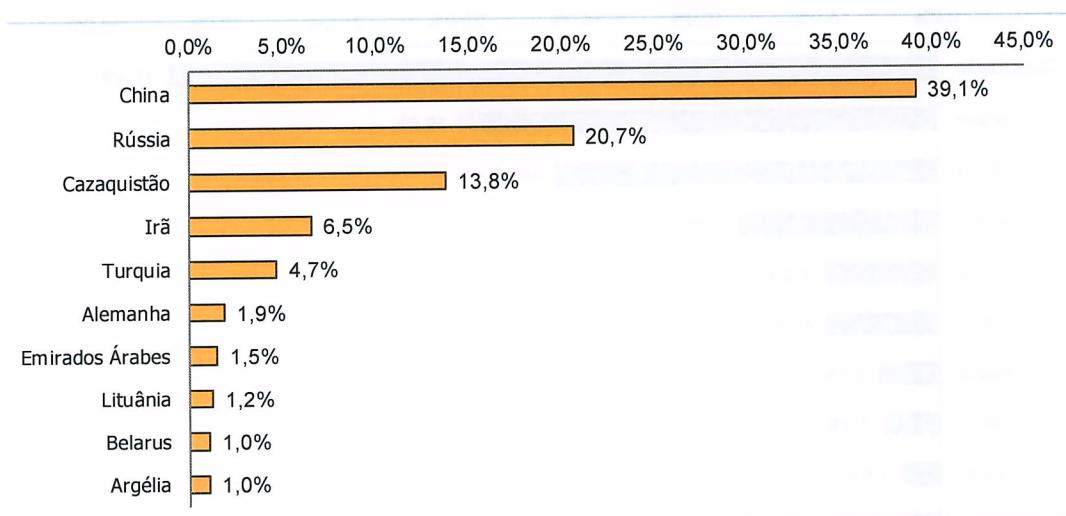


Principais origens das importações do Tajiquistão
US\$ milhões

Países	2 0 1 7	Part.% no total
China	1.301,4	39,1%
Rússia	686,9	20,7%
Cazaquistão	458,3	13,8%
Irã	217,2	6,5%
Turquia	156,1	4,7%
Alemanha	61,8	1,9%
Emirados Árabes	49,3	1,5%
Lituânia	40,7	1,2%
Belarus	34,4	1,0%
Argélia	34,2	1,0%
...		
Brasil (28º lugar)	4,4	0,1%
Subtotal	3.044,8	91,6%
Outros países	280,9	8,4%
Total	3.325,6	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, November 2018. - Dados espelhados

10 principais origens das importações

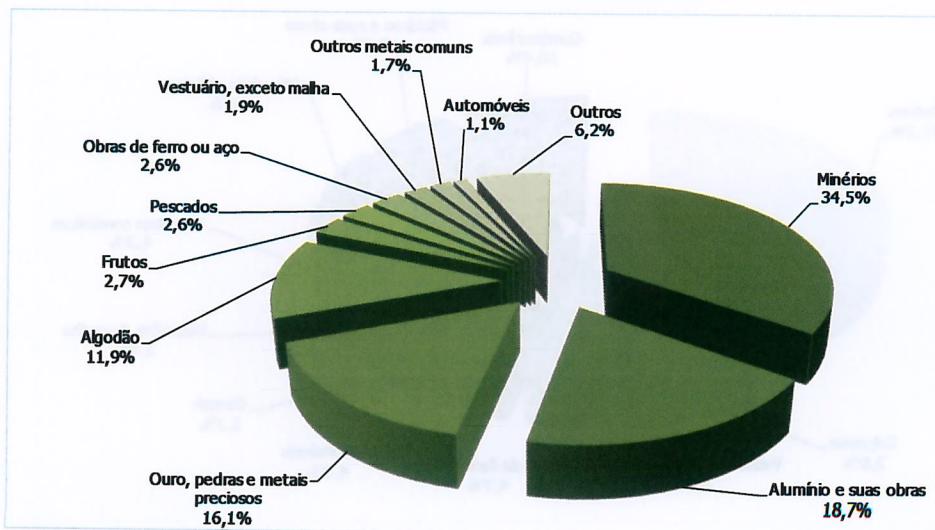


Composição das exportações do Tajiquistão
US\$ milhões

Grupos de Produtos (SH2)	2 0 1 7	Part.% no total
Minérios	343,9	34,5%
Alumínio e suas obras	186,2	18,7%
Ouro, pedras e metais preciosos	160,2	16,1%
Algodão	118,1	11,9%
Frutos	27,2	2,7%
Pescados	26,0	2,6%
Obras de ferro ou aço	25,8	2,6%
Vestuário, exceto malha	19,3	1,9%
Outros metais comuns	17,1	1,7%
Automóveis	11,1	1,1%
Subtotal	934,8	93,8%
Outros	61,4	6,2%
Total	996,2	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, November 2018.- Dados espelhados

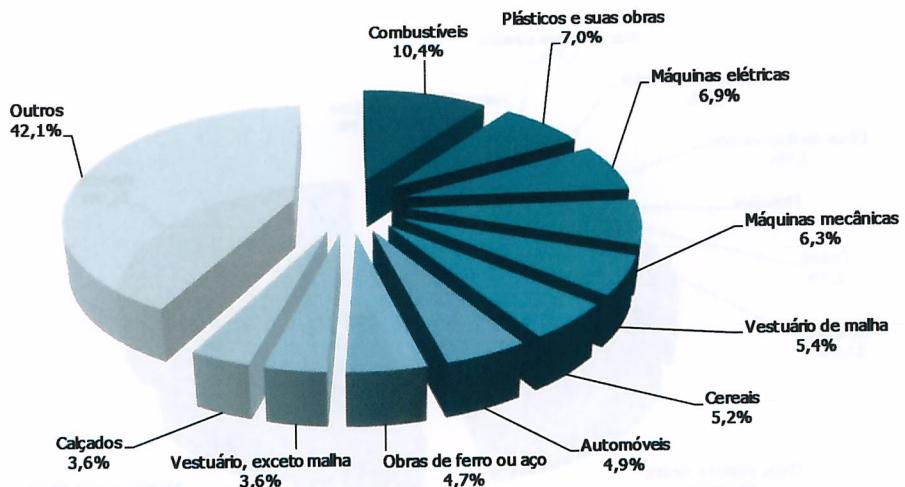
10 principais grupos de produtos exportados



Composição das importações do Tajiquistão
US\$ milhões

Grupos de produtos (SH2)	2 0 1 7	Part.% no total
Combustíveis	345,2	10,4%
Plásticos e suas obras	233,6	7,0%
Máquinas elétricas	228,0	6,9%
Máquinas mecânicas	209,6	6,3%
Vestuário de malha	181,2	5,4%
Cereais	172,5	5,2%
Automóveis	161,8	4,9%
Obras de ferro ou aço	155,2	4,7%
Vestuário, exceto malha	120,4	3,6%
Calçados	118,6	3,6%
Subtotal	1.926,0	57,9%
Outros	1.399,6	42,1%
Total	3.325,6	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UNCTAD/Trademap, November 2018. - Dados espelhados



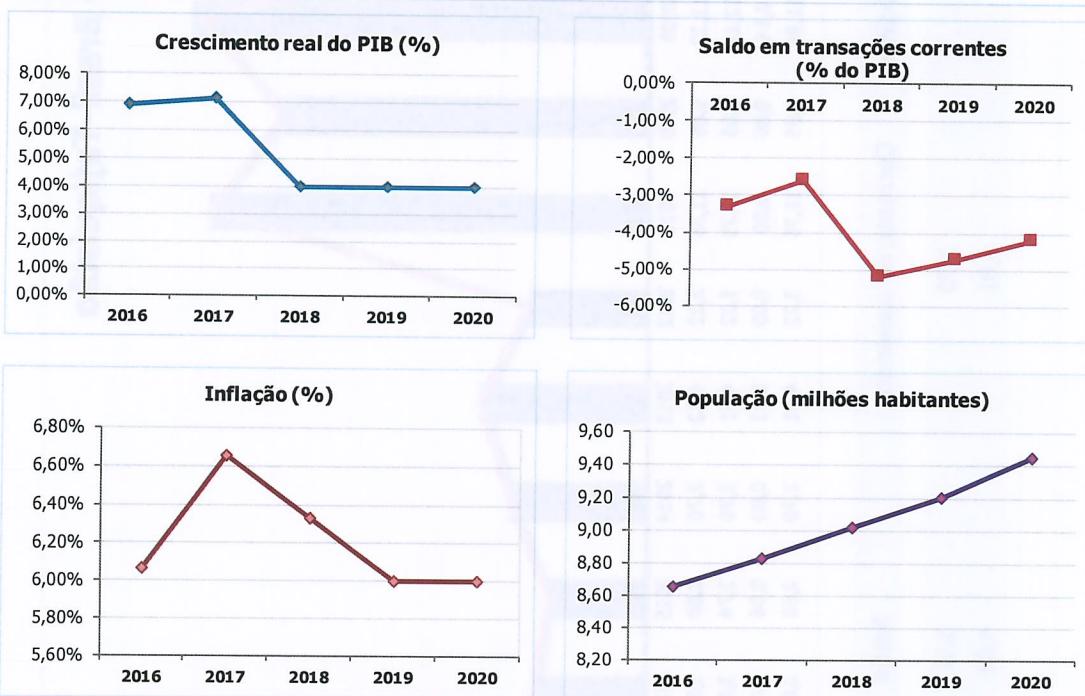
Principais indicadores socioeconômicos do Tajiquistão

Indicador	2016	2017	2018 ⁽¹⁾	2019 ⁽¹⁾	2020 ⁽¹⁾
Crescimento real do PIB (%)	6,90%	7,14%	4,00%	4,00%	4,00%
PIB nominal (US\$ bilhões)	6,95	7,28	7,66	8,18	8,68
PIB nominal "per capita" (US\$)	803	824	849	888	923
PIB PPP (US\$ bilhões)	26,02	28,38	30,19	32,08	34,02
PIB PPP "per capita" (US\$)	3.007	3.212	3.346	3.482	3.617
População (milhões habitantes)	8,66	8,84	9,02	9,21	9,45
Desemprego (%)	—	—	—	—	—
Inflação (%) ⁽²⁾	6,07%	6,66%	6,33%	6,00%	6,00%
Saldo em transações correntes (% do PIB)	-3,31%	-2,59%	-5,20%	-4,75%	-4,21%
Câmbio (S / US\$) ⁽²⁾	—	8,55	9,15	9,47	9,64
Origem do PIB (2017 Estimativa)					
Agricultura			28,6%		
Indústria			25,5%		
Serviços			45,9%		

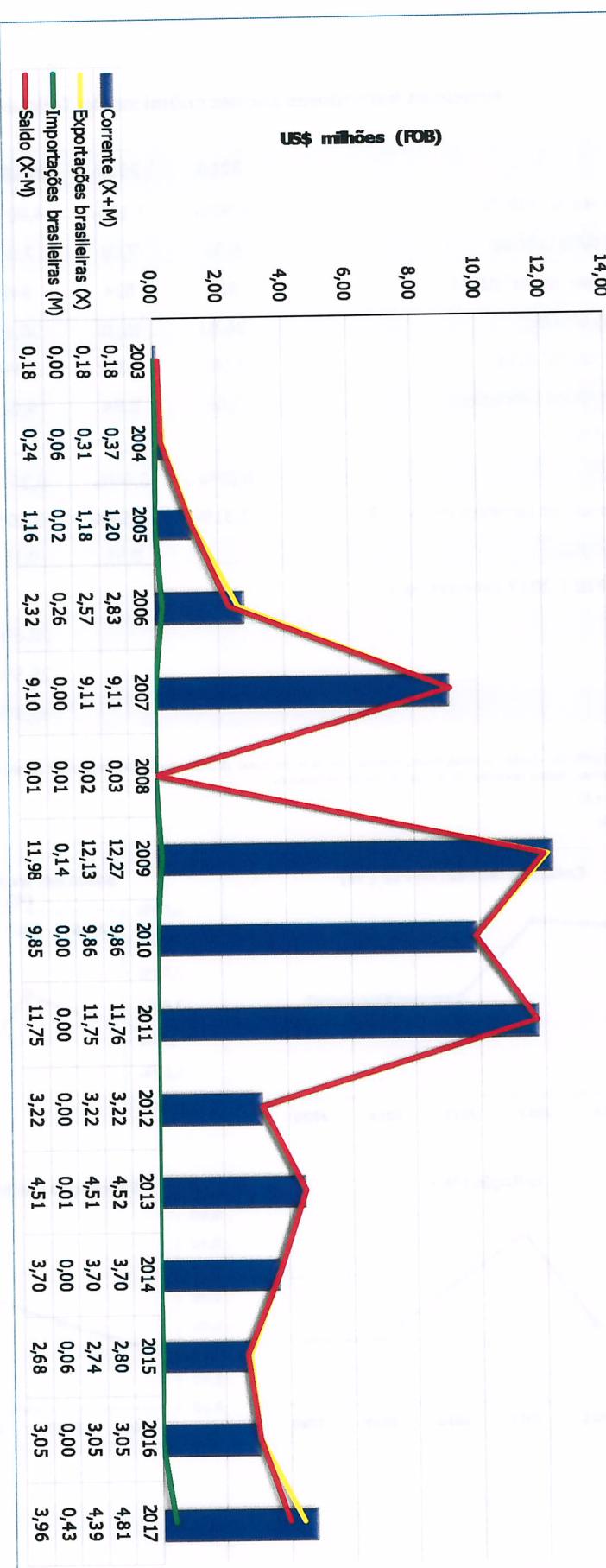
Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base nos dados do IMF - World Economic Outlook Database, April 2018, da EIU, Economist Intelligence Unit, Country Report November 2018 e da Cia.gov/World Factbook.

(1) Estimativas FMI e EIU.

(2) Média do período.



Comércio Brasil-Tajiquistão



2017 / 2018	Exportações brasileiras	Importações brasileiras	Corrente de comércio	Saldo
2017 (jan-out)	3,61	0,09	3,70	3,52
2018 (jan-out)	5,32	0,69	6,01	4,62

Elaborado pelo MRE/DPR/DC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX, Novembro de 2018.

Não consta no banco de dados os valores anteriores a 2003.

CRONOLOGIA HISTÓRICA

Séc. VII a.C.	A região que atualmente corresponde ao Tajiquistão é habitada por uma civilização iraniana identificada como Sogdia.
Entre 546 e 539 a.C.	Ciro, o Grande, subjuga a região, conhecida então como Sogdiana, colocando-a sob o domínio do Império Persa.
327 a.C.	Após conquistar a Pérsia, Alexandre, o Grande, casa-se com Roxana, princesa sogdiana.
Séc. IV a.C. ao séc. I a.C.	Após a morte de Alexandre, a região fica sob reinos helenísticos: o Império Selêucida e, posteriormente, o Reino Greco-Báctrio.
De 30 a.C. a 410 d.C.	Império Cuchana, extenso estado centro-asiático situado entre o Irã, a oeste, e a China, a leste.
710	A região é dominada pelo Califado Omíada. Introdução do Islã.
Séc. X	Região incorporada ao Império Samânida. Dinastia etnicamente iraniana, com capital em Bucara, os samânidias iniciaram longa sucessão de dinastias centro-asiáticas influenciadas pela cultura persa.
1220	Genghis Khan invade o Império Corásbio, que dominava o Irã e a Ásia Central. A região do atual Tajiquistão é devastada.
1370	Tamerlão conquista as terras a leste do rio Amudária (chamado por gregos e romanos de Oxo), estabelecendo sua capital em Samarcanda.
De 1865 a 1868	O Império Russo conquista a Ásia Central, inclusive o território correspondente ao atual Tajiquistão.
1916 a 1924	Revolta dos Basmachi, muçulmanos centro-asiáticos que se rebelam contra o Império Russo e, posteriormente, contra a União Soviética.
1924	Sob a União Soviética, o Tajiquistão é região autônoma da República Socialista Soviética Uzbeque.
1929	O Tajiquistão é elevado à categoria de República Socialista Soviética, mas Bucara e Samarcanda continuam na República Uzbeque.
1991	Após o colapso da União Soviética, o Tajiquistão se declara independente.
1992	Começa a Guerra Civil do Tajiquistão.
1997	Assinatura de acordo de paz encerra a Guerra Civil.

CRONOLOGIA DAS RELAÇÕES BILATERAIS

1996	Assinatura de protocolo estabelecendo relações diplomáticas entre Brasil e Tajiquistão.
2012	Visita do presidente Emomali Rahmon ao Brasil, no âmbito da Conferência Rio+20.

ACORDOS BILATERAIS

Título	Data de Celebração	Entrada em Vigor	Publicação
Protocolo sobre o Estabelecimento de Relações Diplomáticas entre a República Federativa do Brasil e a República do Tajiquistão	29/03/1996	08/05/1996	Em Vigor

Aviso nº 674 - C. Civil.

Em 20 de dezembro de 2018.

A Sua Excelência o Senhor
Senador JOSÉ PIMENTEL
Primeiro Secretário do Senado Federal

Assunto: Indicação de autoridade.

Senhor Primeiro Secretário,

Encaminho a essa Secretaria Mensagem com a qual o Excelentíssimo Senhor Presidente da República submete à consideração dessa Casa o nome do Senhor OLYNTHO VIEIRA, Ministro de Segunda Classe do Quadro Especial da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão e, cumulativamente, junto à República Islâmica do Afeganistão e à República do Tajiquistão.

Atenciosamente,



ELISEU PADILHA

Ministro de Estado Chefe da Casa Civil
da Presidência da República

Recebido em 26/12/18
Hora: 17:01


Renata Bressan Saldanha - Mat. 315749
SGM/SLSF